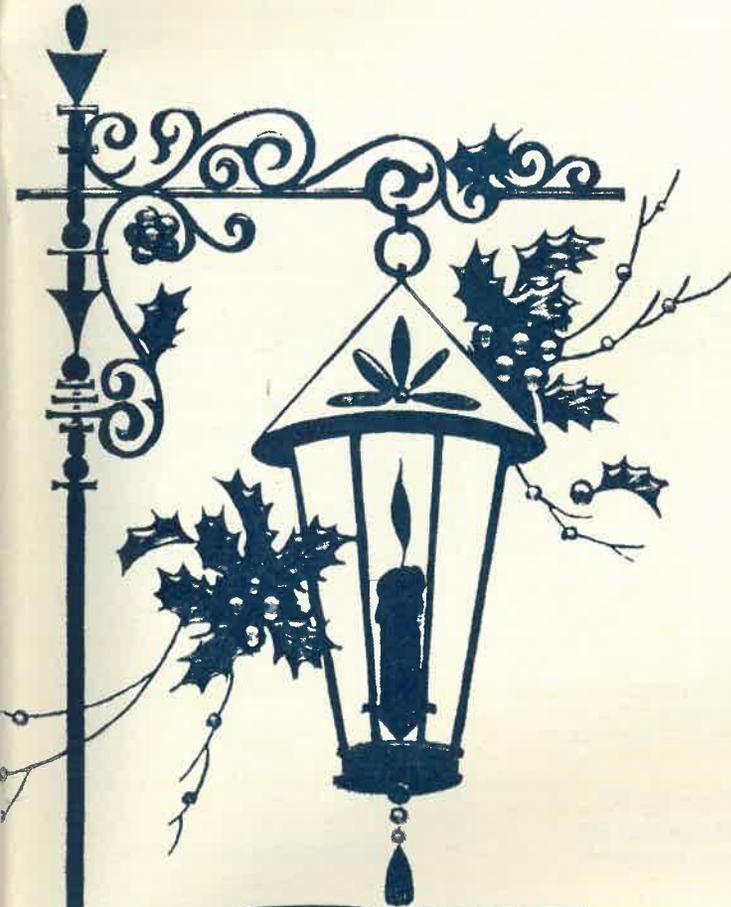




revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL



25
DE
DEZEMBRO

Pastor José López

ADAPTADA e polida por séculos de celebração cristã do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, a festa do Natal ainda conserva, no modo como é celebrada, muito da sua antiga origem pagã, que bebeu primeiramente nas Saturnais e, depois, no «Natalis invicti» do culto de Mitra, ou o deus Sol.

Sondar a sua história, além de nos revelar a verdadeira origem de uma festa e de uma data, deveria, querido leitor, levar-nos a uma séria reflexão ...

A história descobre-nos, em primeiro lugar, as Saturnais.

Trata-se de uma antiga festa celebrada em Roma, tendo inegáveis semelhanças com as Kronia gregas, o que levou os historiadores a ver influências helénicas nas Saturnais ou, inclusivamente, influências recíprocas entre ambas as festas.

Inicialmente, começavam no Outono e duravam até o solstício do Inverno. Eram as festas a Saturno, de «satas» (sementeira). Organizadas definitivamente no ano 217 a.C., ano da derrota de Trasimeno, é de então que data a fábula de Saturno, rei primitivo do Lácio, que assinalou um período de paz e felicidade, uma espécie de época áurea, a qual a festa procurava reviver. Com a reforma de Augusto, acabou por ter sete dias de duração. Começava no 14.º dia antes das Calendas de Janeiro (17 de Dezembro) e terminava com a Larentelia, a 23 de Dezembro.

A celebração da festa era curiosa, e os leitores não deixarão de notar remanescências extraordinárias daquela época na nossa mais agitada actualidade.

(Continua na página 4)

"estai vós apercebidos"

A EVOLUÇÃO DEFENDIDA PELA ASSOCIAÇÃO HUMANISTA AMERICANA

BUFFALO — Uma declaração feita por 175 influentes cientistas, educadores e teólogos, afirmando que a evolução é um princípio básico da ciência, está a ser posta em circulação nos principais centros escolares dos Estados Unidos pela Associação Humanista Americana.

Os motivos que provocaram esta declaração, segundo aquele organismo, foram «o constante ataque ao ensino da evolução nas escolas públicas e o pedido para que se dedique tempo equivalente ao ensino da teoria da criação».

«Uma vez que o público é levado a acreditar, graças à propaganda criacionista tão característica deste século, que existe dentro da própria ciência a possibilidade de escolha entre estas duas alternativas, torna-se imperativo declarar que tal ponto de vista é absurdo, ou a educação científica na América se tornar alvo de ridicularização do mundo civilizado», escreveu Bette Chambers, presidente da dita associação, na revista «O Humanista». — **Ministry.**

«DESPERTAMENTO RELIGIOSO» ENTRE AS MULHERES DESCOBERTO POR UM INQUÉRITO AMERICANO

NOVA IORQUE — Um novo inquérito levado a efeito pela revista **Redbook** revela que «um número impressionante de mulheres americanas estão envolvidas num despertar religioso» que dura há cinco anos e sentem-se «na presença de Deus».

Além disso, está a criar-se uma nova imagem positiva da mulher «religiosa», segundo o inquérito baseado nas respostas de 65.000 mulheres americanas ao questionário do **Redbook**. «Quanto mais religiosa é a mulher, mais feliz se sente», diz o **Redbook**. «A mulher muito religiosa, por exemplo, é raro registar sentimentos de ansiedade, tensão ou inutilidade. A mulher 'moderadamente religiosa' está mais sujeita a estas emoções, que são ainda mais comuns na mulher que diz ser apenas 'levemente religiosa!»

O **Redbook** diz mais: «A saúde é outra bênção de que goza a mulher 'muito religiosa'. Esta sofre menos dores de cabeça e transtornos do estômago do que as mulheres menos seguras a respeito das suas crenças. Os sintomas de uma saúde pobre aumentam à medida que diminui a firmeza da fé.» — **Ministry.**

AS MULHERES METODISTAS E A EMENDA À CONSTITUIÇÃO AMERICANA SOBRE A IGUALDADE DE DIREITOS

ATLANTIC CITY — A Divisão das Mulheres da Igreja Metodista Unida votou nesta cidade não realizar quaisquer reuniões nos Estados que não tenham ratificado a Emenda sobre a Igualdade de Direitos. Por uma votação de 70 contra 3, com uma abstenção, os dirigentes daquela organização com mais de um milhão de membros recomendou igualmente às suas constituintes que evitem fazer viagens àqueles Estados. — **Review and Herald**

O METODISMO MAIS PRÓXIMO DO CATOLICISMO DO QUE DAS IGREJAS DA REFORMA

DUBLIN — O Bispo William R. Cannon, da Igreja Metodista Unida, da Georgia, afirmou na Conferência Mundial Metodista, em Dublin, que o Metodismo está mais próximo do Catolicismo Romano do que das igrejas Protestantes da Reforma.

Num importante discurso sobre o Ecumenismo, o bispo sexagenário declarou que Metodismo e Catolicismo estão próximos um do outro «tanto na espiritualidade como nos pontos de vista sobre o nível de aperfeiçoamento moral aqui na terra.» — **Ministry**

EXÉRCITO DA SALVAÇÃO — O GRUPO RELIGIOSO EM MAIOR DESENVOLVIMENTO NOS E. U. A.

NOVA IORQUE — O Exército da Salvação foi o grupo religioso que teve mais rápido crescimento nos E. U. A. em 1975, segundo o novo Anuário das Igrejas Americanas e Canadianas. Em 1975, o Exército da Salvação registou um aumento de 5 por cento no número de membros, atingindo um total de 387 817. A população dos E. U. A. aumentou aproximadamente de 0,8 por cento durante o mesmo ano. Além do Exército da Salvação, outros grupos de rápido crescimento incluem a Igreja de Deus da Profecia (4,9 por cento, para 65 801 membros); a Igreja de Deus de Cleveland (4,4 por cento, para 343 249); as Testemunhas de Jeová (4 por cento, para 560 897); a Conferência Geral Baptista (3,8 por cento, para 115 340); os Adventistas do Sétimo Dia (3,3 por cento, para 495 699); e a Igreja de Deus de Anderson (3 por cento, para 166 259). — **Review and Herald.**

SUMÁRIO

25 de Dezembro
«Estai vós apercebidos»
A Nossa Querida Revista
A Comunhão com Deus Estabeleceu a Diferença
Uma Reforma Necessária
A Nossa Obra em Moçambique
Avança a Despeito das Dificuldades
Fé Recompensada
O Trabalho na Missão da África Ocidental
A Obra de Deus na Roménia
Um Natal para Dar
Notícias do Campo
Tradução de Almeida Revisada
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ORÇÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

DEZEMBRO DE 1977

ANO XXXVIII

N.º 375

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÁNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 70\$00
Número avulso 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

A Nossa Querida Revista

Há trinta e oito anos que a nossa revista — a Revista Adventista — visita os nossos lares, mês após mês, fazendo, por assim dizer, parte da nossa vida religiosa.

Através dela nos têm chegado artigos de orientação doutrinária e espiritual, que sem dúvida têm nutrido e fortificado a nossa fé.

Ela nos tem posto ao corrente dos planos de actividade que cada ano, pelos conselhos e departamentos responsáveis, são propostos à igreja.

É ela que nos tem mantido em contacto com os participantes da mesma esperança em terras estranhas. Ao longo de todos estes anos, que caudal de notícias acerca da mensagem adventista no Mundo tem perpassado pelas suas páginas!

E que dizer das notícias do campo português? Não são elas que primeiro atraem a nossa atenção, logo que o correio nos traz um novo número da Revista? Com que emoção lemos acerca do que Deus está operando, das vitórias que vão sendo registadas, em antigas igrejas ou em novos grupos! Quantas experiências pessoais aí relatadas têm sido uma inspiração para nós mesmos!

Sim, verdadeiramente, a Revista Adventista faz parte da nossa vida —

da vida dos que nos estão lendo. Succede, porém, que ainda são numerosos os membros da igreja para quem a Revista Adventista é uma publicação estranha. Uns não a lêem porque a ignoram; outros, porque ninguém lhes chamou a atenção para o que ela representa na vida adventista.

Agora que se aproxima um novo ano, não desejaremos fazer a nossa parte para que em todos os lares adventistas esteja presente a nossa querida Revista? Se conhecemos alguém que a não assina, não desejamos convidá-lo a fazê-lo? Ou, ainda melhor, porque não oferecer a assinatura de um ano a alguém a quem desejamos manifestar a nossa simpatia?

Que todos nós — pastores e anciãos, responsáveis pelos membros dispersos, departamentais de actividades leigas e jovens, todos os membros sem excepção — façamos a nossa parte no sentido de não só iniciarmos ou renovarmos a nossa assinatura para 1978, mas levarmos a fazê-lo a todos os que de alguma maneira puderem ser alcançados pela nossa influência.

Trata-se, não tanto de uma simples operação de carácter promocional, como de um passo avante em nossa vivência adventista.

E. Ferreira

25 DE DEZEMBRO

Pelo Pastor José López

(Continuação da primeira página)

«A celebração incluía um banho, de manhã muito cedo, e roupa cómoda que permitisse banquetear de manhã até à noite. Trocavam-se presentes e usavam-se velas de cera (cerei) e figurinhas de barro ou de pasta (sigillaria).

«Vozes autorizadas dizem que as velas (cerei) que iluminavam as habitações eram um protesto contra as longas noites e um convite ao regresso do Sol. Os Sigillaria, que devem ser associados aos oscila e aos maniae, estes últimos dedicados a Mania, mãe dos lares (deuses domésticos), eram oferecidos durante a festa de Compitalia, para a conservação dos membros da família. Seria uma forma de sacrifícios simulados que se ofereciam aos deuses em lugar de vítimas humanas; pacíficos substitutos destinados a acalmar a ira e obter o favor das divindades.

«Um mau emprego da palavra «fos», que significa luz em grego, mas que na poesia épica deu o sentido de homem, fez entrar os «cerei» na mesma categoria.

«Havia durante esses dias um activo comércio. Uma rua inteira de Roma era dedicada a ele. É indubitável que as figurinhas também serviram de brinquedos para as crianças (encontraram-se muitos exemplos)» (1).

Os escravos, nesses dias, eram iguais aos seus senhores. Horácio fala da «liberdade de Dezembro»; invertiam-se inclusivamente os papéis, e o senhor servia o servo à mesa. Também se praticavam os jogos de azar, sobretudo o dos dados, grande distracção da saturnal, o par ou ímpar e o «capita aut navia» (cara ou cruz). Existe uma descrição de como Augusto distribuía entre os convidados 250 denários para que jogassem com eles. Os escravos atiravam uns aos outros nozes «saturaliciae nuces», tão indispensáveis à festa como os cerei e os sigillaria.

«As autoridades procuravam suprimir o trabalho, a tristeza e a guerra, os estudantes tinham feriado, havia amnistia para os prisioneiros, que ofereciam as suas cadeias a Saturno, e procurava-se deixar para essa altura a libertação dos escravos, que ofereciam ao deus anéis de bronze» (1).

Não admira que os primeiros apologetas cristãos tivessem dificuldade em encontrar nesta festa tão pacífica, amável e alegre, o que aos seus olhos seria a marca do paganismo. Encontraram, finalmente, a crueldade e a licenciosidade nos combates de gladiadores que, durante o Império, foram introduzidos na festa.

O passo seguinte na direcção do nosso 25 de Dezembro dá-se com o «natalis solis invicti», celebração do renascimento do Sol no culto a Mitra, originário do Próximo Oriente.

O mitraísmo foi o culto mais popular do Próximo Oriente e, por intermédio do exército, nos seus contingentes asiáticos e, sobretudo, nas «auxilia», estendeu-se por todo o Ocidente no princípio da nossa era, atingindo o seu zénite no século III e acabando, sob o efeito da legislação repressiva de Teodósio, no fim do século IV.

«Mitra teve a sua origem no zoroastrismo, que durante um certo tempo foi a religião do império persa. Pelas suas grandes semelhanças, na organização e nas doutrinas, o culto a Mitra chegou a ser o grande rival do cristianismo.

«Os seus atractivos eram vários: qualidades humanas de fraternidade, democracia e fé; ritual antigo e impressionante, organização clerical, doutrina de purificação do pecado e elevado sistema de ética; seguindo o zoroastrismo, a doutrina dos poderes antagónicos, sempre em luta pelo domínio do mundo; e, especialmente, o juízo final e uma clara promessa de bem-aventurança no «além» (2).

Como a maior parte das suas doutrinas se encontram no cristianismo, quando este último acabou por ser vitorioso, os seguidores de Mitra facilmente se passaram para ele ou para o maniqueísmo, o que se chamou «o assalto final da Pérsia ao Ocidente», essa fé herética que identificava a adoração de Zoroastro com a de Cristo, e que atingiu a Itália no fim do século III e a África no século IV, onde o jovem Agostinho se interessou durante algum tempo pelo seu estudo.

Não há provas de que o mitraísmo tenha chegado a fazer parte do paganismo oficial de Roma antes do século III, mas está suficientemente provado que gozou do favor imperial durante muitos séculos...

Podemos encontrar relíquias da contenda em duas instituições adoptadas pelo cristianismo, do seu rival, no século IV. São os dois dias sagrados do mitraísmo: o 25 de Dezembro, «Dies natalis solis invicti», como o nascimento de Jesus; e o domingo, «venerável dia do Sol», como lhe chama Constantino no seu edito do ano 321 d.C.

Em presença destes factos, no que respeita ao dia do nascimento do Salvador, não encontramos nenhum indício de celebração nos Evangelhos, nem durante a época apostólica nem nos primeiros tempos pós-apostólicos.

Tão-pouco tem a data de 25 de Dezembro a seu favor o argumento da garantia da tradição apostólica.

«Nos escritos eclesiásticos, encontramos muito poucas passagens que falem do assunto. Mas, dessas que existem, deduz-se que, na antiguidade, as coisas não estavam muito esclarecidas; os que se interessavam pelo assunto não terminavam as suas disputas: Hipólito era a favor do 2 de Janeiro; Clemente de Alexandria, de «o 25.º do dia de Paixão» (20 de

Maio); enquanto que outros, de acordo com Clemente, fixavam o 18 ou 19 de Abril, o 28 de Março, etc.

«Em Constantinopla, S. Gregório Nacianceno celebrou a festa do Natal, no 25 de Dezembro, no ano 379; na Capadócia efectuou-se a substituição do 6 de Janeiro pelo 25 de Dezembro, no ano 380; em Antioquia, celebrou-a S. João Crisóstomo na nova data no ano 386. O Egipto acomodou-se ao novo costume entre os anos 418 e 432» (3).

Como conseguiu introduzir-se em Roma o hábito de celebrar o Natal a 25 de Dezembro? Depois de o Sol ter atingido a sua máxima latitude austral no dia 21 de Dezembro, começa a descrever círculos cada vez mais amplos no firmamento; o homem inculto assinala o dia em que começa a notar-se essa ascensão solar como o dia natalício do Sol, do invencível deus solar.

«Que haverá de mais natural para os cristãos que observam este fenómeno da natureza, patente diante de todos, do que pensar no nascimento d'Aquele que é a verdadeira luz do mundo?

«E com efeito, entre os santos padres, é corrente a comparação de Cristo com o Sol: S. Cipriano chama a Cristo o verdadeiro Sol («sol verus»). S. Ambrósio diz: Ele é o nosso novo sol («hic sol novus noster»), etc.» (3).

E que haveria de mais natural para os de origem romana, do que transferir o dia natalício deste novo e verdadeiro Sol para o dia que no seu calendário assinalava já, desde tempos antigos, um «natalis solis»? Dado o empenho que havia em dar sentido cristão às festas pagãs, era natural celebrar nesta data o nascimento do verdadeiro Sol do mundo.

Suficientemente esclarecida a origem do 25 de Dezembro, restam-nos algumas reflexões antes de concluir.

Não tendo, nos Evangelhos, uma alternativa válida, não nos devemos importar de nos unirmos ao resto dos cristãos na celebração do Natal no 25 de Dezembro. Aquilo que nos deve preocupar é o espírito que pomos na sua celebração e o objecto do nosso culto e da nossa alegria.

«A Bíblia não nos informa da data precisa (do nascimento de Jesus). Se o Senhor tivesse considerado este conhecimento essencial para a nossa salvação, ter-se-ia pronunciado através dos Seus profetas e apóstolos, para que pudéssemos saber tudo a respeito do assunto. Mas o silêncio das Escrituras sobre este ponto dá-nos a evidência de que ele nos foi ocultado por razões as mais sábias... (Deus) ocultou o dia preciso do nascimento de Cristo, para que o dia não recebesse a honra que devia ser dada a Cristo como Redentor do mundo — Aquele que deve ser recebido, em quem se deve crer e confiar como Aquele que pode salvar perfeitamente todos os que a Ele vêm. A adoração da alma deve ser prestada a Jesus como o Filho do infinito Deus» (4).

«Pelo mundo, os feriados são passados em frivolidades e extravagância, glotonataria e ostentação... Milhares de dólares (dezenas de milhares de es-

culos) serão gastos de modo pior do que se fossem lançados fora, no próximo Natal e Ano Bom, em condescendências desnecessárias. Mas temos o privilégio de afastar-nos dos costumes e práticas desta época degenerada; e em vez de gastar meios meramente na satisfação do apetite, ou com ornamentos desnecessários ou artigos de vestuário, podemos tornar as festividades vindouras uma ocasião para honrar e glorificar a Deus» (5).

(1) Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines, Darenberg y Saglio, art. «Saturnalia».

(2) Paganism to Christianity in the Roman Empire, Walter Woodburn Hyde, pp. 59-60.

(3) História Bíblica, Schuster-Holzammer, pp. 100-101.

(4) O Lar Adventista, E. G. White, pp. 477-478.

(5) O Lar Adventista, E. G. White, p. 480.

NATAL DE SEMPRE

Há dois mil anos que o Natal se deu
Numa gruta recôndita, em Belém,
Trazendo à Terra, que O esperava, o Céu
Para revelação do sumo bem.

Mas os tempos não contam. O Natal,
Por mais que se repita, de ano em ano,
É sempre novo e sempre original,
Por ser divino e eternamente humano.

Cantaram anjos pelo azul em calma,
Num anúncio de paz às criaturas.
E agora ainda os ouve cada alma
Que não se feche às vozes das Alturas.

Há dois milénios que nasceu Jesus.
Jesus cresceu, pregou, foi preso e morto,
Braços nos grandes braços de uma cruz,
Farrapo em sangue desde o suor do Horto

Mas em cada Natal que se festeja,
Ei-lo que volta, humilde e pequenino.
Por mais alto que o Mundo O sinta e veja,
Ele é o Filho de Deus feito menino.

Moreira das Neves

A COMUNHÃO COM DEUS ESTABELECEU A DIFERENÇA

Naor G. Conrado

A BÍBLIA ensina por meio de contrastes. Ela coloca Jesus, o Nazareno, ao lado de Jesus Barrabás, para que as pessoas possam tomar uma decisão consciente. E mostra-nos também o que aconteceu em resultado de períodos de comunhão com Deus, ou de momentos de precipitação e de falta de oração, a fim de que nos lembremos sempre de que o segredo da vitória na luta contra o mal está em mantermos a nossa frágil mão bem unida à vigorosa mão do Omnipotente.

No Éden e no Getsemani

O Éden era uma região antediluviana situada provavelmente na Mesopotâmia. Na parte oriental dessa região, Deus plantou um belo jardim como lugar da habitação de Adão e Eva.

Não faltava nesse jardim coisa alguma que pudesse contribuir para a felicidade do santo par. Ele continha árvores de todas as variedades, carregadas de odorantes e deliciosos frutos. Fragrantes flores de todas as cores e tamanhos davam ao ditoso ambiente um aspecto ameno e delicado. Um rio de incomparável beleza regava o jardim e dividia-se em quatro braços, cujos nomes são os das terras pelas quais eles passavam.

Mensageiros celestiais advertiram, porém, Adão e Eva de que poderiam perder esse magnífico lar se negligenciassem a comunhão com Deus e dessem ouvidos às maldosas insinuações de Satanás, o originador do mal.

Certo dia, Eva esqueceu-se dessa advertência. Havia tanta coisa a ser feita no jardim, e isto absorveu-lhe a atenção de tal modo que desviou o olhar de Deus e acercou-se cada vez mais da árvore proibida. Sentiu uma apreensão do perigo, mas afugentou os seus temores, inferindo que no seu estado de inocência e perfeição possuía suficiente sabedoria e força para discernir o mal e resistir-lhe.

E foi assim que ocorreu a queda. A serpente apanhou o fruto e colocou-o nas mãos inexperientes da nossa primeira mãe. Ela provou-o, e insistiu depois com o esposo para que incorresse na mesma falta.

Os funestos resultados da transgressão não se fizeram esperar. O apóstolo Paulo sintetizou-os admiravelmente nestas palavras: «Por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte». Tudo isso porque alguém confiou em si mesmo e negligenciou a comunhão com Deus!

Como foi diferente, porém, o que ocorreu noutro jardim — o horto do Getsemani, situado na rampa ocidental do Monte das Oliveiras!

Chegara o momento mais significativo da história do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. O tentador preparara-se durante três anos para derrotar Jesus nessa ocasião, sabendo que, se conseguisse fazê-lo, não haveria mais esperança para a raça perdida.

Recomendando que Pedro, Tiago e João velassem com Ele, o Redentor dirige-Se um pouco além e cai prostrado por terra. Na Sua terrível angústia, apegase ao solo frio e húmido, como a impedir ser levado para longe de Deus. Dos Seus pálidos lábios irrompe, então, o doloroso e aflitivo brado: «Meu Pai, se possível, passe de Mim este cálice! Todavia, não seja como Eu quero, e, sim, como Tu queres».

Esta cena repetiu-se três vezes, e em seguida o nosso amado Mestre tornou a cair no solo de que Se erguera parcialmente. Um poderoso anjo colocou-se ao lado de Jesus e procurou confortá-l'O. A agonia de Cristo não cessou, mas Ele saiu dali preparado para enfrentar a turba enfurecida, o Sinédrio, o tribunal de Pilatos, a corte de Herodes e o Calvário, conservando-Se sempre calmo e sereno e desfrutando a mais perfeita paz celestial.

Porque triunfou o Salvador? Porque não foi Ele derrotado no jardim, como Adão e Eva? Simplesmente porque manteve a comunhão com o Pai.

Um artista, desejando ilustrar o poder da oração, retratou na tela duas cenas diferentes. Na primeira, um homem está segurando a rabiça do arado, enquanto os animais puxam este instrumento agrícola. Na segunda, ele acha-se ajoelhado no campo, conversando com Deus. Neste ínterim, um anjo dirige o arado, levando-o para a frente. É isto que acontece na vida dos homens e das mulheres que se lembram diariamente de enviar as suas preces ao trono da graça.

No Sinai e no Carmelo

Moisés estava no alto do monte, recebendo as tábuas da lei. Enfadados com a longa ausência desse servo de Deus, os filhos de Israel tornaram-se relapsos, desatentos e desordenados. Como estivessem familiarizados com as representações materiais das divindades adoradas no Egípto, uma vasta multidão dirigiu-se para a tenda de Arão, a fim de lhe pedir que confeccionasse alguma forma visível para ser adorada por eles.

Arão sentiu-se inseguro e temeroso, e, ao invés de buscar forças do Alto para obter a necessária firmeza naquela hora de apostasia e rebelião, rendeu-se às exigências do povo, fazendo o bezerro de ouro.

Seguiram-se hediondas cenas de degradação, nas quais os filhos de Deus deixaram o seu Guia e Protector para se apegar de uma divindade pagã, entregando-se ao mesmo tempo a aviltantes orgias que culminaram com a destruição de muitos deles, após o regresso de Moisés.

Porquê este capítulo tão repulsivo na história do povo de Israel? Porque alguém se esqueceu de manter a comunhão com Deus!

Séculos mais tarde, quando os israelitas se romperam outra vez ignominiosamente, caindo no mais lamentável estado de idolatria e descrença,

houve, porém, um homem que permaneceu inabalável, batalhando contra a iniquidade e ajudando muitos a reencontrar o Deus verdadeiro.

Isto aconteceu nas culminâncias de uma das montanhas da cordilheira do Carmelo, que se estende por vinte e quatro quilômetros, entre a planície de Esdraelom e o Mediterrâneo.

A prolongada estiagem transformara os campos, os vales e as colinas num grande deserto. Deve ter sido este, portanto, o cenário desolador com que depararam os representantes do culto idólatra, ao caminharem em direção ao Carmelo, convocados por velozes mensageiros enviados pelo rei.

Na manhã do dia aprazado, o povo reuniu-se próximo do cume do monte, enquanto os sacerdotes de Baal avançaram impotentemente até ao ponto mais elevado, precedidos pelo monarca. Como representante de Jeová encontrava-se ali apenas o profeta Elias.

Depois de os partidários do aviltamento espiritual se haverem esforçado inutilmente para fazer descer fogo do céu, o profeta de Deus restaura o altar do Senhor, deita sobre ele o sacrifício que expressa a sua fé na provisão divina para a salvação dos homens e implora a aprovação do Altíssimo. O fulgor das chamas ateadas por intervenção de Deus ilumina o monte e ofusca os olhos de todos quantos ali se acham presentes, incentivando-os a exclamar: «Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!»

Nesse dia alcançou-se uma estupenda vitória que assinalou o início de uma grandiosa obra de avivamento e reforma. Porquê? Porque alguém manteve a comunhão com o Céu!

Os Discípulos — Antes e Depois

A fragilidade humana quando se interrompe a ligação com Deus também foi exemplificada pelo que aconteceu com os discípulos de Jesus, nas proximidades do Monte da Transfiguração.

Quando o Salvador voltou à base da montanha, depois de ter proporcionado uma incomparável experiência espiritual a três dos Seus mais íntimos auxiliares, encontrou os outros discípulos numa situação desesperadora. Um pai trouxera o filho endemoninhado para ser curado por eles, e como não conseguissem fazê-lo, o demónio estava escarneando dos discípulos com novas exhibições do seu poder e provocando os mais desconcertados comentários entre a multidão aglomerada naquele local.

Cristo assume o domínio da situação e deixa o jovem inteiramente restabelecido. Os discípulos querem saber então o motivo do fracasso experimentado por eles, e o Mestre deixa bem claro que haviam sido derrotados por não se apegarem firmemente a Deus nas horas que antecederam esse transe desabonador.

Que diferença se operou, porém, nesses mesmos discípulos, depois de afastarem da sua vida tudo o que os separava da Fonte de todo o poder e permaneceram dez dias no cenáculo, em Jerusalém, meditando nos ensinamentos de Jesus, orando e animando-se uns aos outros!

UMA REFORMA NECESSÁRIA

Por Ellen G. White

Se os Adventistas do Sétimo Dia praticassem o que professam crer, se fossem sinceros reformadores da saúde, seriam na verdade um espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. E mostrariam um zelo muito maior pela salvação daqueles que são ignorantes da verdade.

Maiores reformas deveriam ser vistas entre o povo que professa esperar para breve o aparecimento de Cristo. A reforma da saúde deve fazer entre o nosso povo uma obra que ainda não foi realizada. Há os que deveriam ser despertados para o perigo de comer carne e peixe, que ainda consomem a carne de animais, fazendo assim perigar a sua saúde física, mental e espiritual. Muitos daqueles que agora estão só meio-convertidos na questão de comer carne, afastar-se-ão do povo de Deus, para não mais andar com ele.

Em toda a nossa obra devemos obedecer às leis que Deus deu para que as energias físicas e espirituais possam operar em harmonia. Os homens podem ter uma forma de piedade, poderão mesmo pregar o evangelho e, apesar disso, serem impuros e insantificados. Os ministros deveriam ser estritamente temperantes no comer e no beber, a fim de não fazerem caminhos falsos para os seus pés levando o coxo — o fraco na fé — a sair do caminho. Se, ao mesmo tempo que proclamam a mais solene e importante mensagem jamais dada por Deus, os homens guerrearem contra a verdade pela condescendência com maus hábitos de comer e beber, tiram toda a força à mensagem que levam.

Os que comem carne e bebem chá e se abandonam à glotonaria estão a semear para uma ceifa de dor e de morte. O alimento impróprio que é introduzido no estômago, fortalece os apetites que combatem contra a alma, desenvolvendo as tendências mais baixas. Uma dieta de carne tende a desenvolver o animalismo. O desenvolvimento do animalismo diminui a espiritualidade, tornando a mente incapaz de compreender a verdade.

A Palavra de Deus adverte-nos claramente que se não nos abstermos das concupiscências carnis, a natureza física entrará em conflito com a natureza espiritual. O comer de forma concupiscente combate contra a saúde e a paz. Assim uma guerra é declarada entre os atributos humanos mais elevados e os mais baixos. As propensões mais baixas,

fortes e activas, oprimem a alma. Os mais elevados interesses do ser são desfavorecidos pela condescendência com os apetites que o Céu não aprova.

Erros comuns na dieta

Deve-se ter muito cuidado em formar hábitos correctos de comer e beber. O alimento ingerido deve ser o que produzirá a melhor qualidade de sangue. Os delicados órgãos da digestão devem ser respeitados. Deus requer de nós que sejamos temperantes em todas coisas, que façamos a nossa parte para nos mantermos com saúde. Ele não pode iluminar a mente de um homem que faz do seu estômago uma fossa séptica. Ele não ouve as orações daqueles que caminham à luz das labaredas que eles mesmos atearam.

A intemperança pode existir tanto na quantidade como na qualidade do alimento ingerido. O Senhor instruiu-me que, em geral, comemos demais. Muitos ficam mal dispostos por comer em excesso, e a doença é frequentemente o resultado. O Senhor não fez cair sobre eles este castigo. Eles o fizeram cair sobre si e Deus deseja que compreendam que a dor é o resultado da transgressão.

O abuso diário dos órgãos digestivos impede-nos de realizarem bem o seu trabalho. Produz-se sangue de má qualidade e, assim, através da alimentação imprópria, toda a máquina é desarranjada. Daí ao estômago menos a fazer, e ele reconstituir-se-á se houver cuidado com respeito à qualidade e quantidade de alimento ingerido.

Afligindo a alma

Muitos comem depressa demais. Outros comem, a uma mesma refeição, uma variedade de alimentos incompatíveis. Se os homens e as mulheres tivessem sempre presente o quanto afligem a alma ao afligir o estômago, e quanto profundamente Cristo é desonrado quando se abusa do estômago, negariam o apetite e dariam ao estômago a oportunidade de recuperar a sua acção saudável. Enquanto estamos à mesa podemos fazer trabalho missionário médico se comermos e bebermos para glória de Deus.

Comer no dia de Sábado a mesma quantidade de alimento ingerido num dia de trabalho, está inteiramente fora de lugar. O Sábado é o dia separado para o culto divino. Nele deveríamos ser particularmente cuidadosos com a nossa dieta. Um estômago abarrotado significa um cérebro embotado. Demasiadas vezes uma tão grande quantidade de alimentos é ingerida no Sábado que a mente fica inactiva e estúpida, incapaz de apreciar as coisas espirituais. Os hábitos de comer têm muito que ver com muitos dos insípidos serviços religiosos do Sábado. A dieta para o Sábado deve ser seleccionada consoante os deveres do dia em que deve ser oferecido a Deus o serviço mais puro e santo.

Comer tem muito que ver com religião. A experiência espiritual é grandemente afectada pelo modo como o estômago é tratado. Comer e beber de acordo com as leis da saúde promove acções virtuosas. Mas se o estômago for abusado por hábitos que não têm fundamento na natureza, Satanás toma vantagem do mal que foi feito e usa o estômago como um inimigo da justiça, criando uma perturbação que afecta todo o ser. As coisas sagradas não são apreciadas. O zelo espiritual diminui. A paz da mente perde-se. Há dissensão, luta e discórdia. Palavras impacientes são pronunciadas e são praticadas acções pouco amáveis; práticas desonestas seguem-se e a ira manifesta-se — e tudo porque os nervos do cérebro estão perturbados pelo abuso acumulado no estômago.

Que pena é que, tantas vezes, quando a maior abnegação deve ser exercida, o estômago seja abarrotado com uma massa de alimentos impróprios, que ali ficam em decomposição. A aflição do estômago aflige o cérebro. Aquele que se alimenta imprudentemente não compreende que se desqualifica para dar conselho sábio, para fazer planos para o melhor avanço da obra de Deus. Mas isto é o que se passa. Ele não pode discernir as coisas espirituais e, nas reuniões de conselho, quando deve dizer Sim, diz Não. Faz propostas desastradas, porque o alimento que ingeriu adormeceu o seu poder cerebral.

A história do povo de Deus tem sido manchada pela sua falta em não seguir seus princípios. Tem havido uma apostasia contínua na reforma da saúde e, como resultado, Deus é desonrado por uma grande falta de espiritualidade. Têm-se levantado barreiras que nunca teriam sido vistas se o povo de Deus tivesse caminhado na luz.

Permitiremos nós, que temos tido tão grandes oportunidades, que os do mundo caminhem à nossa frente na reforma sanitária? Degradaremos as nossas mentes e destruiremos os nossos talentos pela alimentação defeituosa? Transgrediremos a lei de Deus seguindo práticas egoístas? Tornar-se-á a nossa incongruência um dito popular? Viveremos vidas tão pouco cristãs que o Salvador Se envergonhará de nos chamar irmãos?

Não faremos antes aquela obra missionária-médica, que é o evangelho em acção, vivendo de tal maneira que a paz de Deus governe os nossos corações? Não removeremos toda a pedra de tropeço de debaixo dos pés dos descrentes? É muito melhor abandonar o nome de cristão do que fazer uma profissão e, ao mesmo tempo, condescender com apetites que fortalecem paixões ímpias.

Deus chama cada membro da igreja a dedicar a sua vida sem reservas ao Seu serviço. Ele apela para uma decidida reforma. Toda a criação geme sob a maldição. O povo de Deus deve colocar-se onde cresça na graça, sendo santificado, no corpo, alma e espírito, pela verdade. Quando abandonar todas as condescendências que destroem a saúde, terá uma concepção mais clara do que constitui a verda-

(Continua na página 15)

A nossa Obra em Moçambique Avança a despeito das Dificuldades

E. Ludescher

Presidente da Divisão Euro-Africana

Após os acontecimentos que tiveram lugar em Moçambique, quando quatro dos nossos obreiros (dois europeus e dois africanos) estiveram presos em condições particularmente difíceis, este campo, que contava então 17.000 membros adventistas, ficou isolado do resto do mundo, tendo que bastar-se a si mesmo. O último missionário europeu partiu em Junho de 1976.

Como este território faz parte da Divisão Euro-Africana, pedimos à Conferência Geral que, através da Divisão Transafricana, fizesse um urgente chamado ao Ir. Tungululo, pastor africano reformado, residente no Malawi, a fim de ir dirigir a obra em Moçambique. O Ir. Tungululo é um obreiro de experiência e conhece pessoalmente o Presidente Machel, actual chefe do Governo. Além disso, antes de se reformar, trabalhou como pastor adventista em Moçambique. Os acontecimentos posteriores confirmaram que ele era de facto o homem de que precisávamos em momentos como os que atravessamos actualmente as nossas missões neste território.

Por ocasião do Conselho Anual da Divisão Euro-Africana, em Novembro de 1976, convidámos o Ir. Tungululo a vir a Innsbruck, via Berna, com um dos três directores de missão em Moçambique. Tínhamos, porém, poucas esperanças de que obtivessem os vistos de saída. Por isso, grande foi a nossa surpresa e alegria ao vê-los chegar, pontualmente, à nossa sede em Berna, de onde partiram connosco para a Áustria. Os relatórios apresentados pelo Ir. Tungululo encorajaram-nos muito, porque mostravam, sem sombra de dúvidas, que o Senhor continua a abençoar e a fazer prosperar a sua obra, mesmo quando os tempos são conturbados e perigosos. Assim é que, neste campo, no ano passado, 900 almas foram agregadas à igreja através do baptismo.

Nas reuniões de Innsbruck, o Ir. Tungululo pediu insistentemente que alguns responsáveis da Divisão visitassem Moçambique e estudassem localmente, com os dirigentes da União, alguns problemas particularmente importantes. Ficou então decidido que o Ir. Amelung e eu fizessemos esta viagem. O nosso plano inicial era partir da Suíça em 1 de Fevereiro de 1977, com destino a Angola, onde ficaríamos uma semana, e seguir dali para Moçambique, onde permaneceríamos também uma semana. Porém, como não rece-

bemos os vistos a tempo, tivemos de adiar a partida para Abril. Angola não respondeu ao novo requerimento de pedido de vistos, mas um telegrama de Moçambique fez-nos saber que a nossa visita estava autorizada de 10 a 17 de Abril de 1977.

O relato desta viagem, apresentado sob a forma de diário, permitirá aos leitores da REVISTA ADVENTISTA terem uma ideia da actual situação da nossa Obra nesta União e das possibilidades que o futuro lhe reserva. Pô-los-á também ao corrente das nossas impressões desta estadia.

Sábado, 9 de Abril de 1977

Anoitece. Acabamos de subir para bordo do «Jumbo-Jet» das linhas aéreas sul-africanas, no aeroporto de Zurique. Este pássaro gigante, vindo de Viena, vai primeiro a Joanesburgo, via Madrid. Constatamos com surpresa que somos apenas dez passageiros na imensa aeronave. Quase que seríamos tentados a aconselhar as hospedeiras a munir-se de bússolas para descobrirem os lugares ocupados! Todavia, em Madrid, juntam-se 80 passageiros ao nosso pequeno grupo. Apesar disso, cada um de nós dispõe ainda de seis lugares sobre os quais se estender à vontade para passar a noite — vantagem apreciável, visto que temos ainda 13 horas de voo! Quando despertamos na manhã seguinte, já nos encontramos ao sul do Equador. O avião sobrevoa sem desvios a costa ocidental do continente africano.

Domingo, 10 de Abril de 1977

As 10 horas, anunciaram-nos pelo altifalante que, dentro de meia hora, estariamos no aeroporto de Joanesburgo. Tudo corre placidamente: aterramos sem o menor estremeamento, o controle da polícia e da alfândega efectua-se rápida e eficazmente. Mas o Ir. Amelung e eu vamos ter de esperar seis horas pela nossa correspondência para Maputo, capital moçambicana. Aproveitamos para dar um passeio a pé e fazer um pouco de exercício. Não saímos do local do aeroporto, onde tudo é ultramoderno e respira luxo e limpeza. Um facto, porém, não deixa de me incomodar: os restaurantes e boutiques reservados aos brancos são estritamente separados dos das pessoas de cor, de modo que

quase não se tem a impressão de estar em África. É lamentável ter de constatar a existência de tal discriminação.

A duração desta escala parece-nos interminável e, por isso, é com satisfação que, finalmente, subimos para bordo do bimotor a hélices, das linhas sul-africanas, que deve conduzir-nos ao nosso destino. Ao cabo de escassa hora e meia de voo vemos aparecerem sob nós as múltiplas luzes da capital de Moçambique. As formalidades de desembarque são bastante morosas. O Ir. Tungululo veio esperar-nos com um grupo de 15 pastores e evangelistas. Que calorosa recepção! A Igreja Adventista constitui, de facto, uma única grande família mundial: todos os dias agradeço ao Senhor o privilégio de a ela pertencer!

A caminho do hotel admiramos o traçado harmonioso das ruas e avenidas. Outrora esta metrópole chamava-se Lourenço Marques, mas após a mudança de regime foi rebaptizada de Maputo. É uma linda cidade com cerca de 250.000 habitantes. Dizem que o clima aqui é sempre agradável. Em todo o caso, de momento, não sofremos de calor. Amanhã vamos ter a primeira reunião do conselho da União. Vamos ter imensos problemas que resolver.

Segunda-feira, 11 de Abril de 1977

Logo de manhã, dirigimo-nos para a sede da União. Trata-se de um edifício situado num bairro tranquilo e agradável. A nossa Obra comprou esta propriedade em 1974. Os escritórios da União estão bem instalados: tudo está em óptimo estado e muito bem conservado. Quando ali chegamos, já todos os membros do conselho se encontram presentes. São-nos apresentados seis obreiros que vão ser consagrados ao santo ministério no próximo sábado. Que grande encorajamento descobrir a maneira séria e o zelo com que os nossos irmãos defendem a Causa de Deus no seu país! Há actualmente 60 pastores e evangelistas trabalhando na União. Esta compõe-se de três missões: a do Sul, com sede em Maputo; a do Centro, cujos escritórios se encontram na Beira; e a do Norte, localizada na vila de Mocuba. Esta última tem 95% dos fiéis de Moçambique e, por isso, seria urgente erigir novas igrejas ali. Efectivamente, ressalta do relatório do presidente desta missão que temos a permissão de fazer reuniões em lugares que sejam propriedade nossa. Somos também autorizados a fazer trabalho de porta a porta. Mas, em contrapartida, a colportagem evangélica é-nos interdita. A nossa Obra dispõe ainda de uma reserva de livros publicados pela denominação que os nossos irmãos e irmãs podem oferecer aos seus parentes e amigos. Temos, além disso, diversas encomendas de livros religiosos que ficaram bloqueadas nos correios centrais de Maputo, porque de futuro é proibido deixar entrar tal literatura no país.

As nossas escolas e dispensários foram nacionalizados. No domínio da instrução escolar, a semana de seis dias coloca os pais adventistas perante o crucial problema de liberdade do Sábado para seus filhos. O mesmo dilema enfrentam os membros que exercem uma profissão. De futuro, temos de orientar os nossos esforços no sentido de obtermos, por parte das autoridades, maior compreensão para com os nossos princípios. O Ir. Tungululo fez hoje alusão à possibilidade de uma entrevista com o Ministro do Interior, enquanto aqui nos encontramos. Naturalmente ficámos encantados com tal perspectiva. Este Ministro encontra-se em viagem oficial à República do Congo-Brazzaville, mas deve regressar brevemente. Um membro do seu gabinete prometeu avisar-nos telefonicamente do seu regresso.

O dia que agora está prestes a terminar foi bastante enriquecedor para nós, pois pudemos constatar, com profunda alegria, que a Obra de Deus em Moçambique, longe de ficar estática, pelo contrário, não cessa de progredir e desenvolver-se. Agradecemos ao Senhor por a ter abençoado de maneira tão visível. Não posso deixar de recordar as palavras do Salmo 93, onde se fala dos «rios que levantam o seu ruído» e do «Senhor das alturas» que «é mais poderoso do que o ruído das grandes águas e do que as grandes ondas do mar». Possamos nós, nas circunstâncias difíceis da vida, não perder nunca de vista esta realidade viva! Quanto a mim, sinto-me feliz por a Bíblia a afirmar de maneira tão positiva.

Do nosso quarto de hotel desfruta-se uma vista maravilhosa sobre o porto, ao qual, neste momento, apenas dois barcos estão ancorados. O tráfego marítimo parece ter diminuído consideravelmente, o que, sem dúvida, não será sem consequências desfavoráveis no abastecimento da população.

Terça-feira, 12 de Abril de 1977

As reuniões a nível da União continuam. Os nossos irmãos manifestam excelente espírito e estão desejosos de realizar um trabalho tão profíquo quanto possível. Todos têm consciência da gravidade da situação e dos sérios problemas que dizem respeito às finanças. As entradas de fundos locais não chegam para cobrir as despesas ocasionadas com o pagamento dos obreiros, a manutenção das propriedades, ou para fazer face aos outros encargos financeiros. Seria indispensável que as três missões beneficiassem de dotações da Divisão. Mas autorizar-nos-á o Governo a entrada de tais fundos no País? Eis uma pergunta difícil que gostaríamos de fazer ao Ministro do Interior e talvez também ao das Finanças. Mas até agora ainda não nos chegou qualquer resposta destes ministérios. O Ir. Amelung aplicou todo o seu talento a elaborar um orçamento de União e três

orçamentos de Missão para este ano. Mas não há forma de os equilibrar, a não ser com o auxílio de contribuições enviadas do estrangeiro — se isso for possível... Durante os últimos 14 meses, os nossos missionários procuraram formar tesoureiros nativos competentes em cada uma das missões. Pudemos constatar que os jovens obreiros nomeados para estes postos levaram a bom termo as suas responsabilidades, o que nos alegrou bastante. Daqui para o futuro, será necessário realizar um trabalho análogo em todos os nossos campos missionários. Efectivamente, a nossa mais urgente tarefa é preparar rapidamente obreiros nacionais eficientes e consagrados. O futuro da Obra no continente africano depende precisamente desse facto.

Acabamos de decidir ir amanhã de manhã à Beira, 800 quilómetros ao norte de Maputo. É ali que se localiza a nossa pequena escola onde são formados os pastores e evangelistas de Moçambique. Vamos de avião. Se tudo correr segundo os nossos planos, contamos estar de volta nesse mesmo dia, à noite. Poderemos, assim, continuar o Conselho.

Mas há uma pergunta que não deixa de nos torturar: «Como resolver o problema financeiro da Obra em Moçambique?» O Ir. Amelung e eu acreditamos que, neste caso, como em tantos outros, o Senhor nos há-de inspirar cedo ou tarde uma solução — e isso apesar de nada neste momento nos autorizar a alimentar tal esperança. Mas sabemos que o Mestre pode intervir de mil maneiras imprevisíveis onde a nós, que temos vistas humanas, nos parece termos chegado a um beco sem saída! Esta certeza dá-me forças, incita-me à acção criadora e sustém-me nas minhas resoluções.

Beira, 13 de Abril de 1977

Parece que vamos ter um dia em cheio. São 6 horas da manhã. Um dos nossos dedicados membros vem-nos buscar e levar ao aeroporto. Em África, a maioria das pessoas levanta-se cedo. No caminho, cruzamo-nos já com multidões de africanos que se dirigem para o trabalho; vemos outros fazer bicha em filas intermináveis nas paragens de autocarro. Já tínhamos notado estas bichas de espera, à nossa chegada a Maputo. Parece que aqui a população desfruta ainda da rara facilidade de aceitar com calma as inevitáveis demoras, o que me lembra, como diz um poético ditado, que «para as pessoas felizes o tempo não existe»...

No aeroporto, somos agradavelmente surpreendidos ao saber que o nosso avião será um «Boeing». O aparelho levanta voo pontualmente e, 70 minutos depois, aterrámos na Beira, graciosa cidade situada exactamente à beira-mar. Um autocarro leva-nos até ao centro. Admiramos de passagem as belas construções modernas. No tempo dos portugueses, a Beira era um lugar

de veraneio reputado, onde os europeus de todas as proveniências iam passar as suas férias. Agora, em contrapartida, a cidade dá uma impressão de abandono.

Assim que descemos do autocarro, vamos a uma agência de viagens tentar assegurar o nosso regresso a Maputo nessa mesma noite. Decepção! Dizem-nos que já não há lugares! A senhora que nos atende promete fazer todo o possível para nos arranjar lugares. Deixamos-lhe os bilhetes e tomamos um táxi para ir visitar a escola de formação de pastores nacionais.

Há três anos, construímos um edifício com quatro salas de classe destinadas ao ensino primário e um dispensário para consultas externas na propriedade da missão. Eram construções simples, mas muito práticas. Pertencem hoje ao Estado. Só nos resta uma modesta capela, na qual o Ir. Harawa ministra as suas aulas, uma construção muito primitiva que serve de lar aos estudantes, e uma casa onde mora o director. Esta instituição é frequentada por doze jovens africanos que ali se preparam para serem evangelistas.

Em 1975, no fim da sessão da Conferência Geral em Viena, o Ir. Berg, que então era o presidente da União, submeteu-nos os planos para as futuras construções destinadas a esta escola. Os fundos necessários seriam fornecidos em parte pela Divisão Euro-Africana e em parte por organismos de auxílio aos países subdesenvolvidos. Mas os acontecimentos decidiram de outra maneira e estes projectos foram varridos como areia por um vento de tempestade. Quão efémeras e incertas são todas as coisas nesta terra! Por isso recordo as palavras de Jesus: «Convém que eu faça as obras d'Aquele que me enviou enquanto é dia: a noite vem, quando ninguém pode trabalhar» (João 9:4). Não é esta uma advertência solene a cada um de nós, mas ao mesmo tempo também um encorajamento para servir o Mestre com prontidão e dedicação, nesta hora que serve de prólogo às espessas trevas dos tempos do fim?

Os nossos dirigentes locais chegaram à mesma conclusão que nós: a escola teológica da União não se pode manter no lugar onde se encontra. Depois de uma conversa com o Ir. Tungululo, compreendemos que temos de procurar um outro terreno nos arredores da Beira e aí edificar uma nova instituição. O ideal seria uma propriedade onde erigíssemos uma nova igreja, com salas de aula adjacentes, um pequeno lar para estudantes solteiros, algumas casas para os estudantes casados e dois apartamentos para os professores. Não se trata de um projecto educacional de grande envergadura: os alunos que desejarem prosseguir os seus estudos terão de ir depois ao Seminário de Nanga-Eboko, nos Camarões, se o Governo os autorizar.

A agência de viagens dizia-nos, ao fim da tarde, que as perspectivas de

partirmos esta noite para Maputo eram muito más. O avião estava cheio. No entanto, decidimos tentar a sorte. Depois de estudarmos os problemas mais importantes com os irmãos Tungululo e Harawa, partimos para o aeroporto. Chegamos às 18 horas e o avião que queríamos tomar parte às 21. Todavia há já dezenas de passageiros a fazer bicha diante dos balcões. Os nossos nomes figuram na lista de espera, mas, ao chegar a hora, novo duche de água fria: nenhum lugar reservado para nós! Vamos ter de tentar a sorte novamente amanhã às 15.20 horas. Este contratempo altera todo o nosso programa. Voltamos à cidade, onde felizmente conseguimos arranjar lugar no hotel para passar a noite.

Maputo, 14 de Abril de 1977

Como a data indica, o Ir. Amelung e eu conseguimos regressar hoje à capital, após bastantes esforços. Infelizmente, o Ir. Tungululo não nos pôde acompanhar. Esta manhã, logo a seguir ao pequeno almoço, fomos todos à agência de viagens. A amável empregada que nos atendera na véspera estava muito aborrecida, por ver que nenhum de nós conseguira embarcar. Após vários contactos telefónicos — às vezes bem animados! — fez-nos a seguinte proposta: reservavam-nos dois lugares no avião de hoje (quinta-feira) e dois no avião de sexta-feira à tarde. O Ir. Tungululo insistiu para que nós viéssemos hoje, a fim de podermos continuar amanhã as reuniões com o tesoureiro. Ele e o Ir. Harawa voltariam sexta-feira. Antes de partir, pedimos ainda à senhora da agência que enviasse todos os esforços para que os nossos amigos viessem ter connosco na sexta-feira, pois a sua presença no conselho era indispensável. Ela prometeu tentar o impossível. Vamos a ver se cumpre a sua palavra!

A partir de agora, tudo desliza suavemente. Ao nos instalarmos no avião, reparamos que ainda haveria lugares para que os nossos irmãos pudessem ter vindo connosco. Realmente, a organização das viagens aéreas deixa muito a desejar! ... Esperamos de todo o coração que não haja nenhuma surpresa desagradável a ensombrar o dia de sexta-feira, porque isso perturbaria todo o programa de Sábado.

Maputo, 15 de Abril de 1977

Estudámos sexta-feira até bastante tarde diversos assuntos com os tesoureiros. Eles ficaram muito contentes com o auxílio e conselhos esclarecedores e judiciosos prestados pelo Ir. Amelung. Falou-se da complexidade das tarefas administrativas e da coordenação das diferentes actividades, bem como de evangelização. Pedimos a estes obreiros que dessem total apoio ao Ir. Tungululo, que orassem por ele e o ajudassem em todos os seus pla-

nos. Tivemos também uma prolongada entrevista com os seis irmãos propostos para a consagração. O seu espírito de verdadeira piedade e o seu fervor dão-nos grande alegria e enchem-nos de gratidão. Única nota triste do dia: acabamos de saber que tanto o Ministro do Interior como o das Finanças só voltam à capital vários dias depois da nossa partida. De forma que não temos mais nenhuma esperança de sermos recebidos por eles ...

Enquanto me preparo para o Sábado, batem à porta do meu quarto. Vou abrir e encontro-me cara a cara com os olhos brilhantes de alegria do Ir. Harawa. Ele e o Ir. Tungululo chegaram a Maputo há uma hora! Que alívio saber que os nossos planos de Sábado não vão sofrer nenhuma alteração desagradável! Em pensamento, recorro com gratidão a senhora da agência de viagens que tanto se esforçou para resolver o nosso problema!

Sábado, 16 de Abril de 1977

«Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor!» (Salmo 122:1).

Esta manhã, ao ler o primeiro versículo deste Salmo, tive novamente a impressão de que, como filhos de Deus, deveríamos apreciar cada vez mais o privilégio de nos reunirmos livremente, Sábado após Sábado, para orar e adorar ao Senhor no Seu santo Templo.

Quando íamos a pé para a igreja, constatámos que o calor aumentara: o azul implacável do céu dá-nos irrefutável prova desse facto. A nossa principal igreja em Maputo — há mais duas — é um belo edifício numa das principais avenidas. Os escritórios da Missão Sul ocupam a cave.

Veio gente de todos os pontos da capital, de modo que não há um único lugar disponível no interior da capela.

A Escola Sabatina é caracterizada pela viva participação de todos no estudo da lição do dia. Notamos com satisfação que os temas são os mesmos dos trimensais da Europa. O programa é enriquecido com a execução de coros bem escolhidos.

Na hora do culto, estava-nos reservada uma surpresa: a única tradução possível de fazer-se é do inglês para o português. Não há outro remédio: tenho de falar improvisadamente na língua de Shakespeare! ... O meu intérprete transpira abundantemente. Eu, ainda mais. Mas a mensagem da cruzificação, ressurreição e volta gloriosa do Salvador desperta sempre um vibrante eco nos corações africanos. Aliás, não representa esta mensagem, para este continente como para todo o mundo, A ÚNICA ESPERANÇA? A mensagem adventista não é outra senão a «boa nova» de Jesus. Eis porque, no livro Obreiros Evangélicos, a Irmã White diz que, de todos quantos se reclamam do nome de cristãos, os adventistas do sétimo dia deveriam oferecer a mais alta imagem de Cristo.

As 3 horas desta tarde, tem lugar a cerimónia de consagração dos seis novos pastores nativos. Louvado seja Deus, porque nos nossos dias ainda há homens e mulheres que respondem ao chamado de dedicarem toda a sua vida ao serviço do Senhor! Contudo, em Moçambique continua a haver falta de pastores e evangelistas que estejam dispostos a ir a territórios virgens e aí estabelecerem os fundamentos da nossa Obra. É certamente a pensar neste campo que devemos aplicar as palavras do Senhor: «Rogai pois ao Senhor da seara que envie ceifeiros para a sua seara.»

A noite, temos ainda uma longa entrevista com o Ir. Tungululo, presidente da União. Ele sente com muito realismo e sensibilidade o peso da responsabilidade que lhe incumbe. Considera com lucidez e seriedade a situação em que se encontra a Obra em Moçambique. Mas a sua fé profunda, como a das crianças cujo exemplo Jesus nos aponta, preserva-o de fracassos e permite-lhe avançar corajosamente no seu ministério cristão.

Amanhã será o nosso último dia neste campo.

Domingo, 17 de Abril de 1977

São 10 horas da noite. Há exactamente 30 minutos que fizemos escala em Joanesburgo. As últimas horas que passámos em Maputo foram bem repletas: das 8 às 17 horas estudámos em conselho de União diversas iniciativas essenciais que deverão ser tomadas no futuro imediato. Estudámos também planos que poderão ser postos em prática dentro de maior ou menor prazo — e, como sempre, pedimos novamente a direcção de Deus através da oração em comum. Em resumo, tivemos hoje um programa ininterrupto.

A seguir foi a partida. Embora com tristeza, tivemos de nos separar. No aeroporto havia grande animação, mas desta vez as formalidades de embarque efectuaram-se a uma cadência cuja rapidez nos surpreendeu e permitiu que levantássemos voo com apenas 20 minutos de atraso! Amanhã à tarde, às 16 horas, partiremos para Zurique, via Kinshasa e Accra, a bordo de um avião da «Swissair». Chegamos à Suíça, o Irmão Amelung irá para Berna e eu prosseguirei em direcção a Praga.

Agradecemos ao Senhor a Sua protecção durante toda esta viagem. Estamos-Lhe gratos pelas bênçãos que tem derramado sobre a Sua Obra e sobre os Seus servos. Dando uma vista de olhos retrospectiva sobre a nossa estadia em Moçambique, sinto-me impressionado de modo especial a agradecer também aos nossos fiéis membros de igreja, que contribuem com as suas orações, os seus bens materiais e o seu sincero amor pela Causa divina nesta terra, para apressar o avanço da Verdade através do mundo e, de modo particular, neste campo de Moçambique.

FÉ RECOMPENSADA

Edward E. White

Director do Departamento da
Educação da Divisão Euro-Africana

Há quase vinte anos, um fiel obreiro leigo, na Ilha do Fogo, em Cabo Verde, percorreu o exaustivo caminho até à montanha, para visitar um grupo de crentes adventistas. Passando pelos grotescos campos de lava, no sopé do vulcão cujo pico tem mais de 1.800 metros de altitude, chegou à pequena aldeia de Chã das Caldeiras, onde parou para descansar. Batendo à porta de uma das casas de pedra, pediu um copo de água para beber e foi convidado a entrar, segundo os hábitos de hospitalidade daquele povo. Durante os poucos minutos da sua permanência na casa, apresentou-se e disse o que andava a fazer, explicando ao casal que ali morava que guardava o sábado. Depois de ele se ter ido embora, o marido, Joaquim, ou Joca, como era conhecido, falou com a mulher sobre o assunto e concluíram ambos que tinham ouvido a verdade e que iriam começar a guardar já o próximo sábado, apesar do facto de os outros habitantes da aldeia, cerca de 50, serem todos católicos.

Passaram-se os anos, sem qualquer outro contacto com guardadores do sábado, e a filha do casal, apenas um bebé quando começaram a guardar o sábado, tinha agora sete anos e começou a ir à escola. Todas as tardes, quando ela regressava, Joca perguntava o que tinha aprendido, porque ele era analfabeto e começara a aprender a ler e escrever ao mesmo tempo que a filha. Quatro anos mais tarde, conseguiu uma Bíblia por intermédio de um irmão seu e estudou-a de uma ponta à outra, ficando radiante quando leu pela primeira vez, e isso numa Bíblia católica, o mandamento que diz para santificar o sétimo dia. Não guardou para si mesmo esse conhecimento, mas comunicou-o a todos os seus vizinhos que, no entanto, não seguiram o seu bom exemplo, ainda que vários reconhecessem ser essa uma verdade bíblica.

Fé Recompensada

Então, em 1973, o pastor nazareno local, encontrando três obreiros adventistas imobilizados no Fogo, à espera de transporte, ofereceu-se para os levar de automóvel até à montanha para verem o vulcão. Em cada aldeia, ele visitava os seus membros e também apresentava os irmãos visitantes como adventistas do sétimo dia. Joca tinha saído para trabalhar na encosta da montanha, mas ouviu depois que tinham ali estado visitantes que guardavam o sábado, e ainda que havia uma igreja dessas pessoas, também com um ministro.

Mandou recado por um amigo para a cidade de S. Filipe, e o Pastor G. Carbone recebeu a mensagem de que, naquela remota aldeia da montanha, havia um homem que queria falar com o ministro adventista do sétimo dia. Na semana seguinte, o nosso obreiro fez a viagem de motorizada, por uma estrada razoável, feita de pedras vulcânicas, e, quando encontrou Joca, este último mal coube em si de contente. Queria unir-se imediatamente à igreja, mas foi aconselhado a esperar até aos próximos baptizados, poucos meses mais tarde, e a assistir àquela cerimónia, recebendo entretanto estudos do Irmão Carbone, de quinze em quinze dias. Assimilou completamente a verdade e, com a sua esposa, foi baptizado algumas semanas depois, numa segunda cerimónia baptismal.

Tive o prazer de visitá-lo, recentemente, na sua aldeia, quatro anos após o seu baptismo, e de encontrar ali mais vinte membros, juntamente com o próprio Joca, ocupados no trabalho de construção de um edifício de pedra que servirá para a igreja, quando estiver pronto.

Todas as pessoas que visitam aquele lugar, no sopé do vulcão, comentam a pobreza que ali existe. Com efeito, o aspecto daquela região assemelha-se ao quadro que se costuma imprimir, da terra durante o milénio. Mas o que será a pobreza? Aquelas pessoas contentam-se com o parco sustento arrancado ao solo árido (chove cerca de dois dias por ano em Cabo Verde) e não desejam mais nada. Na realidade, se alguém lhes quisesse dar algumas dezenas de milhares de escudos, gastá-los-iam em cimento, madeira e telhas, porque o edifício não pode ser construído exclusivamente com pedras do local, e há outros materiais que têm de ser importados a um elevado preço.

Joca é um homem feliz e, juntamente com aqueles a quem converteu, regozija-se na verdade que pregamos, agradecendo a Deus diariamente o facto de o haver conservado fiel durante 14 longos anos de isolamento, e lhe ter depois dado a alegria de encontrar outros crentes na mensagem dos três anjos. Há presentemente 480 membros baptizados, com sete igrejas, no arquipélago de Cabo Verde. A missão é dirigida pelo Pastor G. Carbone e faz parte da recém-organizada Missão-União da África Ocidental, sob a direcção do Pastor M. Braff, ex-presidente da Missão de Cabo Verde. Existem naquelas ilhas quatro escolas de igreja (uma delas temporariamente fechada até que esteja concluído um edifício novo), com quatro professores e 243 alunos.

O TRABALHO NA MISSÃO DA ÁFRICA OCIDENTAL

Malton Braff,
Presidente da Missão

A recente separação das Ilhas de Cabo Verde da anterior administração portuguesa, em conjunto com o aparecimento do Senegal e da Guiné-Bissau como países independentes poucos anos antes, tornou necessária uma reorganização do trabalho naquela zona. Razoáveis ligações marítimas e aéreas, assim como contactos políticos, unem agora esses três países. Assim foi organizada a nova Missão da África Ocidental, compreendendo esses territórios, bem como os territórios ainda não penetrados da Guiné, do Mali e da Mauritània. Esta nova Missão depende directamente da Divisão Euro-Africana, de quem recebe não apenas o apoio moral, mas ainda o tão necessário auxílio financeiro.

Um ano e meio não é tempo suficiente para formar uma opinião sobre

o efeito desta reorganização, mas já se regista um animador progresso. Ainda que existam apenas 59 membros baptizados na nação muçulmana do Senegal, onde temos apenas quatro obreiros nacionais, há um exército de entusiásticos jovens nas Ilhas de Cabo Verde, onde representam 80 % dos membros da igreja. Três destes jovens foram enviados à Europa, em 1975, para estudar teologia em Collonges, e em breve terão regressado para se juntar aos nossos três missionários europeus (G. Carbone, R. Orsucci e D. Martins) no trabalho de evangelização da sua terra natal. O conhecimento do francês adquirido no Seminário dar-lhes-á a possibilidade de irem a trabalhar igualmente no Senegal. Outros dois da Missão de Cabo Verde irão em breve para o colégio de língua

A OBRA DE DEUS NA ROMÊNIA

D. Popa

presidente da União Romena

Quando os organizadores da sessão da Conferência Geral em Viena apresentaram o ano de 1892 como sendo a data do início do trabalho adventista na Romênia, tive de notar, uma vez mais, o acerto dos velhos Latinos quando diziam: «ERRARE HUMANUM EST» («Errar é humano»).

O irmão G. I. Butler, presidente da Conferência Geral, escreveu em 1884: «Parei quatro dias em Pitesti, uma cidade da Romênia. A verdade já tinha sido pregada naquela região há doze ou quinze anos... Como resultado dessa pregação, encontramos o irmão Toma Aslan e mais outros amigos e guardadores dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus» (Les Signes des Temps, Maio de 1884, p. 308).

No mesmo ano — na segunda reunião europeia, juntamente com os delegados da Grã-Bretanha, da Escandinávia e da Suíça, estavam presentes delegados da Itália e da Romênia. Toma Aslan representou a Romênia, que foi o primeiro país da Europa onde a mensagem foi proclamada e onde a Igreja adventista começou a existir (Ver D. A. Delafield «E. G. White in Europe», pp. 55, 59, 68, 163). Isto aconteceu no ano de 1870. Desde então decorreram cento e sete anos, mais ou menos um século, em que a mensagem adventista tem sido vivida e pregada na Romênia, um país que tem recebido muitas bênçãos de Deus.

Durante este período de tempo, a obra adventista na Romênia passou por

um maravilhoso desenvolvimento, atravessando experiências que marcaram os dois grandes períodos em que podemos dividir os 107 anos desde a data em que M. B. Czechowski pregou a mensagem adventista na Romênia.

1870-1944. Estes foram setenta e sete anos agitados da história adventista na Romênia; anos de maravilhosas experiências com Deus; anos de opressão e de êxito, a despeito das condições desfavoráveis em que a Igreja A.S.D. viveu e trabalhou. Foi o período do «primeiro amor» dos crentes e servos de Deus que sabiam o que era o sacrifício; foi o período das provas, da prisão e do martírio; foi o período que incluiu o ano de 1942 em que a Igreja A.S.D. foi declarada ilegal por um regime político que se dizia cristão, em que milhares de crentes e ministros compareceram diante dos conselhos de guerra e foram sentenciados a duros anos de prisão e morte, por não concordarem em renunciar à sua fé. No ano de 1944, a Igreja A.S.D. na Romênia tinha cerca de 20.000 membros.

23 de Agosto de 1944-1977. Este é o período em que tiveram lugar na Romênia profundas modificações sociais. Agora a Igreja A.S.D. está experimentando um forte reavivamento. A vida e liberdade religiosa são garantidas pela lei. É a primeira vez, na história da nossa denominação na Romênia, que o nosso estatuto é reconhecido oficialmente, em pé de igualdade com os

outros cultos, e esse reconhecimento é feito por um regime comunista.

Durante este período, a Igreja A.S.D. tem crescido continuamente; existem hoje mais de 50.000 crentes adventistas, com 520 igrejas e mais de 800 grupos.

Nos últimos anos, a direcção da igreja tem concentrado a sua atenção na construção e reconstrução de templos, a fim de que todas as igrejas locais possam ter os seus próprios lugares de culto adequados às necessidades dos respectivos membros.

A Igreja A.S.D. na Romênia está organizada em União financeiramente autónoma. A fidelidade dos membros tem permitido reunir os meios necessários para resolver os planos de construção e para apoiar o desenvolvimento do trabalho. Nos últimos dois anos, construíram-se vários edifícios que custaram dezenas de milhões de lei. Presentemente, já estão feitos os preparativos necessários para a reconstrução da sede da União em Bucareste, assim como de todas as igrejas afectadas pelo terramoto de 4 de Março de 1977.

O Seminário Teológico A.S.D., que funciona em Bucareste, tem 34 estudantes que se estão treinando para a pregação do Evangelho. Pela primeira vez na história da nossa igreja teremos, neste novo ano académico de 1977-1978, um obreiro-professor que frequentará um curso teológico avançado na Universidade Andrews, e outro obreiro-professor que, após um intervalo de 45 anos, irá continuar os seus estudos em Collonges, na França. Também, pela primeira vez, dois obreiros frequentam o Instituto Teológico, de nível universitário (em língua húngara) em Cruj, Romênia, e, durante o verão de 1978, um desses dois obreiros assistirá aos Cursos de Extensão da Universidade Andrews no Colégio de Newbold, na Inglaterra. Deste modo temos os instrutores treinados necessários à nossa denominação.

A vida espiritual da Igreja A.S.D. na Romênia não se prende ao sensacionalismo. Esforçamo-nos por viver uma vida de fé na simplicidade da Igreja apostólica, executando a tarefa que Deus deu à Sua Igreja. Viver e pregar a verdade presente são as duas aspirações da Igreja Adventista que se realizam na vida quotidiana dos nossos membros e das duas centenas de ministros e empregados da Igreja. Em 1976, mais de 2 000 almas foram acrescentadas à igreja por baptismo, confessando a sua fé em Cristo e na Sua obra redentora. Com humildade de coração e a alma rendida a Jesus, podemos dizer com a serva do Senhor:

«Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos do nosso progresso até ao estado actual, posso dizer: — 'Louvado seja Deus!' Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança n'Ele como dirigente. Nada temos a recear no futuro, e não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos conduziu.» (Testemunhos para Ministros, pág. 31).

francesa em Nanga-Eboko, onde já se encontram dois senegaleses preparando-se para o ministério. Infelizmente, a assistência obrigatória às aulas ao sábado, em Cabo Verde, nega aos nossos jovens a oportunidade de terem a educação secundária. Por essa razão, temos já planos para abrir uma pequena escola secundária na Praia, quando estiver terminado o novo edifício da igreja, com todas as suas instalações. Esta escola servirá igualmente a juventude da Guiné-Bissau, onde temos, presentemente, apenas treze membros.

No sul do Senegal, na pequena aldeia de Niaguis, começou um curso de ciências domésticas sob a direcção de Edith Hoyler, a quem em breve se irá juntar um casal da ilha do Fogo, que ensinará agricultura e tomará a seu cuidado a manutenção da estação missionária, a qual inclui um dispen-

sário, uma escola primária e habitações. Poucos quilómetros mais longe, na principal cidade de Ziguinchor, Albert Sadio, recentemente consagrado ao ministério, está fazendo trabalho evangelístico de pioneiro e dando estudos bíblicos. Propriamente em Dacar, foi montado um estudo de radio-difusão equipado com toda a aparelhagem moderna, onde o Pastor François Hügli prepara programas que são transmitidos em língua africana e têm boa aceitação geral. Isto é muito importante, porque a maioria dos habitantes da Missão da África Ocidental não compreendem nem francês nem português.

Esta Missão é ainda jovem, no tempo da sua existência e na idade dos seus membros e obreiros. É jovem também no seu entusiasmo, pois espera crescer, pela graça de Deus.



UM NATAL PARA DAR

(De Notre Petit Ami)

CARLOTA só queria um presente no Natal: uma camisola de malha encarnada para levar à escola. A que ficara do ano anterior estava muito gasta e já tinha sido remendada. Ainda por cima já lhe ficava curta demais. Carlota já nem tinha prazer em andar ao lado da sua melhor amiga, a Mariana, porque esta tinha uma camisola azul nova e um gorro de várias cores.

Carlota suspirara, desejara, fizera muitas e variadas alusões ao seu desejo. Chegara mesmo a orar. Mas agora procurava não pensar mais no assunto. O pai estava desempregado desde que a fábrica de fiação fechara.

— Toda a gente me diz para voltar depois do Natal, disse ele uma manhã, dando um suspiro. Espero que nos possamos aguentar daqui até lá.

— Tem de ser, responde a mãe de Carlota. E temos também que deixar para outra altura os nossos projectos do Natal.

Olhou para Carlota, e esta compreendeu que devia responder àquela observação. Devia dizer: «Não faz mal, mamã!» Mas a boca negou-se a deixar sair as palavras. A menina apressou-se a sair para se encontrar com Mariana, que a esperava ao portão para irem juntas para a escola.

Vai ser um Natal terrível, pensou Carlota. Pela primeira vez na sua vida, não receberia um único presente de Natal. Que iria dizer quando as outras meninas lhe falassem dos seus presentes?

Na escola, Carlota e Mariana juntaram-se aos outros alunos à espera do último toque para entrarem. Todos falavam das coisas que esperavam receber pelo Natal — bicicletas, trenós, rádios, roupas novas. Aqueles de quem os pais tinham ficado desempregados com o encerramento da fábrica de fiação não falavam muito, e Carlota notou que pareciam tão desgostosos como ela.

Quando a professora, a D. Georgina, disse bom dia, acrescentou uma observação surpreendente:

— Não pude evitar de ouvir tudo quanto vocês esperam **receber**. Porque não experimentam antes ter uma vez um Natal para **dar**?

— A gente dá, disse a Mariana. A gente dá sempre presentes uns aos outros.

— Não quero dizer trocar presentes com a família e com os amigos, explicou a D. Georgina. Refiro-me a qualquer coisa para alguém que tenha necessidade, qualquer coisa que seja uma verdadeira surpresa, um presente que se dá sem esperar receber nenhum em troca.

Todos os alunos daquela classe ficaram entusiasmados com a ideia. Escreveram uma lista das pessoas a quem iriam fazer uma surpresa. Uns resolveram consertar brinquedos a meninos pequenos. Outros pensaram dar presentes ou prestar serviços a pessoas idosas que viviam sós. Todos queriam fazer os seus próprios cartões de boas-festas para acompanhar os presentes e a lista dos serviços que tinham a intenção de prestar, como varrer os passeios, empilhar a lenha, passar o aspirador. D. Georgina cedeu-lhes a hora do desenho para prepararem os cartões de boas-festas. A Carlota e a Mariana trabalharam juntas nos seus cartões.

— Escolhi a Susana Tomás, disse Mariana. Sabes, a menina de cinco anos que partiu um braço ...

— O que é que vais fazer para ela? perguntou Carlota.

— Vou-lhe coser vestidos para as bonecas e ajudar a vesti-las, respondeu Mariana. E tu, o que é que vais fazer?

— Escolhi a Sr.^a Marta, a nossa velha vizinha, disse Carlota. Mas não sei o que hei-de fazer para ela.

— Podias dar-lhe alguns livros dos teus, sugeriu Mariana.

— Ela lê muito pouco, respondeu Carlota. Senta-se na sua cadeira de rodas e escuta o rádio. Também passa muito tempo a fazer renda e malha com lã.

Durante todo o caminho de regresso, Carlota pensou no que poderia realmente fazer pela sua vizinha idosa. A Sr.^a Marta estava sentada à janela, como era seu hábito; e, também como habitualmente, as suas agulhas não paravam. Quando levantou a cabeça e viu Carlota, acenou-lhe com a mão e Carlota respondeu da mesma maneira. Foi nesse instante que a Carlota teve uma ideia.

Pensou nos montões de revistas velhas que estavam no sótão. Quando era mais pequena, tinha recor-

tado muitas figuras. Lembrou-se das páginas de la-
vores e do álbum que nunca tinha sido usado.

— Agora já sei o que vou fazer para lhe oferecer!
disse ela, exclamando, ao mesmo tempo que empur-
rava a porta de casa.

Todos os dias, durante uma semana, Carlota pas-
sou um pouco de tempo no sótão, recortando e
colando pedaços de papel. Finalmente, encheu um
álbum todo de explicações sobre trabalhos de renda
e de malha com agulhas.

— Espero que a Sr.^a Marta goste, disse ela, mos-
trando o álbum à sua mãe.

— Tenho a certeza de que sim, disse a mãe. Ela
está sempre a pedir amostras a toda a gente. En-
contraste coisas bem bonitas naquelas revistas ve-
lhas.

Na noite de Natal, Carlota embrulhou a sua oferta
num lindo papel que tinha guardado desde o ano
anterior. Atou-a com lã verde e encarnada e meteu
o seu cartão por debaixo do nó. Depois, levou o
embrulho à Sr.^a Marta.

— Um presente para mim! exclamou a velhinha.
Que amável que tu és! Já há anos que não recebia
nenhum presente. O que será isto?

— Abra! insistiu a Carlota. Fui eu mesma que fiz.

Quando viu o que estava dentro do embrulho, a
Sr.^a Marta exclamou:

— Oh! Que rico presente que tu me deste, Car-
lota! Nem sei como te hei-de agradecer. Se ao
menos eu pudesse fazer qualquer coisa por ti!

— Oh! Não! disse Carlota. A nossa classe fez
deste Natal um Natal para dar, em vez de ser um
Natal para receber.

— É uma boa ideia, disse a Sr.^a Marta. Um Natal
para dar. Também eu gostaria de fazer a minha parte.

Olhou atentamente para Carlota.

— Estás a precisar de uma camisola nova; a que
trazes vestida está velha e já te fica muito curta.

— Eu sei, murmurou Carlota.

— Tenho muita lã encarnada que me ficou de uns
fatinhos que fiz para os gémeos da Sr.^a Sousa.
Queres ficar com ela para fazeres uma camisola?

— Mas eu não sei fazer malha!

A Sr.^a Marta sorriu.

— Se me vieres visitar um bocadinho todos os
dias, depois do Natal, eu posso ensinar-te, disse ela.
E poderás fazer tu mesma a camisola. Que achas?

— Oh! Que bom! disse Carlota. Gostava muito de
aprender a fazer malha. A senhora ensina-me?

— Farei muito gosto nisso, disse a Sr.^a Marta.

— Foi assim que, apesar de tudo, a Carlota teve
uma camisola nova, ainda por cima com a satisfação
de ser ela própria a fazê-la. E, como surpresa, a
Sr.^a Marta fez-lhe um gorro de várias cores.

UMA REFORMA NECESSÁRIA

(Continuação da página 8)

deira piedade. Uma maravilhosa mudança será vista
na experiência religiosa.

O apóstolo claramente diz que os que atingem um
elevado nível de justiça devem ser temperantes em
tudo. O Senhor envia esta mensagem ao Seu povo:
«Não sabeis vós que os que correm no estádio, to-
dos, na verdade, correm, mas um só leva o prémio?
Correi de tal maneira que o alcanceis. E todo aquele
que luta de tudo se abstém; eles o fazem para al-
cançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma
inocorrível. Pois eu assim corro, não como a coisa
incerta; assim combato, não como batendo no ar.
Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão
para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha
de alguma maneira a ficar reprovado».

«E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora
de despertarmos do sono; porque a nossa salvação
está agora mais perto de nós do que quando acei-
támos a fé. A noite é passada, e o dia chegado.
Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos
das armas da luz. Andemos honestamente, como de
dia, não em glotonarias, nem em bebedices, nem
em desonestidades, nem em dissoluções, nem em
contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus
Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas
concupiscências».

(Este artigo apareceu pela primeira vez há 75 anos
na Review and Herald de 27 de Maio de 1902)

Igreja Adventista onde se reúnem os portugueses em Paris

O endereço é:

Centre Culturel
«Les Signes des Temps»
153, Avenue Ledru-Rollin
PARIS 11.^e
(metro Voltaire ou Ledrou-Rollin)

Horário das reuniões:

Escola Sabatina e culto:
Sábado de manhã

Reunião de Oração:
Quarta-feira à noite

Informam-se os interessados de que é nesta
igreja que se reúne a maior parte dos mem-
bros portugueses, e não no Boulevard de
l'Hopital.

Movimento de Obreiros

Manuel Magalhães Garrido

No dia 26 de Setembro, depois de concluído o Curso de Teologia em Colonges, chegou a Portugal, acompanhado de sua esposa, o Ir. Manuel Garrido, que inicia o seu estágio em Braga.

Júlio Pinto Cardoso

No mesmo dia, e também depois de concluído o mesmo curso e acompanhado de sua esposa, chegou o Ir. Júlio Cardoso, que realizará o seu estágio na igreja de General Roçadas, em Lisboa.

Manuel Nobre Cordeiro

Em 28 de Setembro, com sua esposa e filhos, seguiu o Pastor Manuel Cordeiro para a Madeira, como responsável pelas igrejas daquela ilha.

Maria Filomena Trindade

No mesmo dia, partiu para Roma a Ir. Maria Filomena Trindade, que, depois de ter estudado em Collonges e Bogenhofen, trabalhará como secretária na sede da União.

Eliseo Cupertino

De 6 a 23 de Outubro, esteve em Portugal o Pastor Eliseo Cupertino, presidente da União Sul-Europeia, que veio dar a sua participação aos congressos do Sul e do Norte e a outras actividades do nosso Campo.

Valter Faria Miguel

No dia 7 de Outubro, acompanhado de sua esposa e filho, seguiu para Faro o Ir. Valter Faria Miguel, novo pastor dessa igreja.

Ricardo Orsucci

Em 11 de Outubro, acompanhado de sua esposa e filho, passou por Lisboa o Pastor Ricardo Orsucci, que, depois de uma curta permanência em Itália, regressou ao seu campo de trabalho em S. Vicente, Cabo Verde.

José da Silva Duarte

Em 20 de Outubro, o Ir. José da Silva Duarte transferiu-se, com sua esposa e filhos, para Tomar, onde terminará o seu segundo ano de estágio como obreiro.

Delegados de Angola e Moçambique ao Conselho Anual da Divisão Euro-Africana

Em 4 de Novembro chegaram a Lisboa os Pastores Abílio Tungululu, presidente da União de Moçambique; Bernardino Mabote, presidente da Missão Sul daquela União; Pedro Balança de Freitas, presidente da União de An-

gola; e Vasco Cubenda, pastor da igreja de Luanda. Tendo representado os seus respectivos campos no Conselho Anual da Divisão, que teve lugar em Gland, Suíça, de 11 a 17 de Novembro, regressaram a África no dia 22.

Juvenal Gomes

De 31 de Outubro a 6 de Novembro esteve em Portugal, a fim de estudar a situação financeira das nossas instituições, o Pastor Juvenal Gomes, secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia.

Maria Ivone Alho

Depois de ter trabalhado durante cerca de um ano na tesouraria da União Angolana, no Huambo, regressou no passado dia 12 de Novembro a Portugal a Ir. Maria Ivone Alho, que vinha acompanhada de seu esposo e filha.

Congresso Regional do Norte

14 A 16 DE OUTUBRO DE 1977

Mais uma vez o Norte Adventista mostrou ao exterior a motivação que o anima, através do próprio lema deste Congresso: «Ser-Me-eis testemunhas» (Actos 1:8).

A sessão inaugural, na igreja do Porto, foi aberta na sexta-feira, 14, pelas 21 horas, pelo presidente da União Sul-Europeia, Pastor Eliseo Cupertino, que dissertou sobre o tema: «A Verdade Presente». A mesma hora o Pastor Santos falava em Oliveira do Douro e o Pastor Ferreira em Canelas.

Mas o pólo de atracção deste Congresso foi a afluência e o interesse pelas actividades desenvolvidas no Pavilhão Desportivo do Banco Pinto de Magalhães, neste sábado com céu parcialmente coberto.

A Escola Sabatina, passada por classes, fez-nos penetrar no âmago do problema que ali nos levou. Que o Senhor, através desses «Sinais no céu indicadores do fim», nos leve a rever a cada momento a nossa posição como crentes da Igreja dos últimos dias.

O Pastor Eliseo Cupertino, no Culto Solene, exortou a Igreja a cumprir o



A Irmã Arlete, do Porto, quando dava o seu testemunho missionário.



Um aspectó da assistência ao Congresso Regional do Norte

mandato para o qual está incumbida: testemunhar da fé em Cristo Jesus.

Pelas 15 horas, os crentes das Igrejas nortenhas afirmaram aos irmãos presentes a alegria que sentiam de terem podido dar a conhecer a outros os princípios que nos norteiam. Foi o momento de relatar as experiências vividas por todo o Norte Adventista, patenteando um regozijo pelo alcançado até ao presente, mas apelando ao coração de cada um de nós pelo muito que falta ainda fazer. É necessário redobrar de esforços e de oração.

Pelas 21 horas, tivemos o prazer de escutar, no Porto, o secretário-tesoureiro da nossa Associação, Pastor João Belo dos Santos, que nos transportou para um futuro radioso, com o seu tema: «Novos homens para um Novo Mundo».

Nesse mesmo instante, em Canelas, ouvia-se o Pastor Cupertino, e, em Oliveira do Douro, o nosso tesoureiro Pastor Santos.

No último dia, domingo 16, pelas 9 horas, encontramos-nos com Deus através da meditação conduzida pelo Pastor Eliseo Cupertino. Se o lema deste Congresso era uma ordem, a Igreja passou à acção através dos seus membros, para, cerca das 15 ho-

ras, terem o prazer de nos relatar «quão grandes coisas Deus fizera por eles». De salientar a acção coordenadora do presidente da nossa Associação, Pastor Ernesto Ferreira, que fechou este Congresso com chave de ouro, através da sua conferência efectuada no Porto, pelas 21 horas, sob o tema «Arautos do Alvorecer». Que o exemplo dos grandes homens de fé possa ser o grande lenitivo para a Igreja do presente. Também em Canelas e Oliveira do Douro houve reuniões especiais no último dia do Congresso: domingo.

Salientemos ainda a tradicional exposição de livros da nossa casa publicadora, a proporcionar aos crentes a possibilidade de adquirirem, a reduzidos preços, obras que, pelo seu conteúdo formativo, muito enriquecem a mente e o carácter daqueles que têm a felicidade de as lerem. Um expressivo agradecimento ao Pastor Samuel Reis, por estas iniciativas que se têm vindo a repetir, ano após ano, para contentamento dos membros.

Que este Congresso tenha lembrado aos seus crentes a verdadeira razão de ser da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Manuel Garrido

Congresso Regional do Sul

De 7 a 9 de Outubro, realizou-se o Congresso Regional do Sul para as igrejas de Lisboa e arredores, visando não tanto a população não adventista como os nossos próprios membros. Foram dias de verdadeira confraternização cristã, de reavivamento espiritual e de testemunho da fé.

O próprio lema — «Ser-Me-eis testemunhas» — era, já por si, uma inspiração para o clima geral do Congresso.

O orador visitante foi o Pastor Eliseo Cupertino, presidente da União Sul-

-Europeia, que dirigiu as reuniões públicas de Sexta, Sábado e Domingo à noite, na Igreja Central, tendo abordado, respectivamente, os seguintes temas: «A Verdade Presente», «É necessário pertencer a uma igreja?» e «Cristo vem... Prepara-te.»

As reuniões de Sábado, durante o dia, tiveram lugar no salão de conferências de «A Voz do Operário».

Sobretudo nas actividades da manhã, a assistência enchia por completo o

vasto recinto, tendo muitas pessoas ficado de pé.

A Escola Sabatina, às 10 horas, dirigida pelo Dr. Henrique João Faro, decorreu com entusiasmo, tendo a lição do dia sido passada, em conjunto, pelo Pastor João dos Santos. No culto solene, pregou o Pastor Cupertino, que desenvolveu o tema: «Na virtude e no poder de Elias.» A oferta levantada, que constituiu uma impressionante prova da generosidade do nosso povo, destinava-se à abertura do trabalho no bairro dos Olivais, em Lisboa.

Às 15 horas, de novo se reuniram os crentes, no mesmo recinto, desta vez, de acordo com o título da reunião, «Para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus». Durante duas horas, tivemos oportunidade de ouvir grupos corais das diferentes igrejas, assim como notícias da maneira maravilhosa como Deus está intervindo na vida do Seu povo. Mencionou-se o interesse suscitado nas Caldas da Rainha, em Beja, na Cadeia Penal de Sintra; foram contadas experiências de almas ganhas por contactos pessoais; referiram-se casos de conversões impressionantes; formulou-se a esperança da abertura de novos locais de culto.

As reuniões de Domingo tiveram lugar na Igreja Central de Lisboa. Depois do culto matinal, dirigido pelo Pastor João dos Santos, realizou-se uma reunião preparatória para a saída missionária que logo se efectuou. Cada grupo de dois, com dez folhetos sobre «O Amor de Deus», procurou não só colocar essa literatura em casas particulares, mas orar pessoalmente com e a favor de quem os atendia.

Às 15 horas, quando os crentes se encontravam de novo para a reunião a que foi dado o expressivo título «Relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles», tiveram oportunidade de contar algumas das experiências vividas naquela manhã. Alguns não conseguiram ocultar a alegria e emoção que tais experiências lhes proporcionaram. Outros se perguntaram a si mesmos, embora em voz audível, qual o motivo por que não tinham nunca até então feito nada de tão simples como enriquecedor. Outros, finalmente, declararam em público que, de futuro, iriam fazer outras saídas como esta — em que lhes fora dado entrar em contacto com as pessoas, com resultados tão positivos.

Às 16 horas, efectuou-se a reunião do encerramento, na qual o Pastor Ernesto Ferreira apresentou uma mensagem baseada em Filipenses 2:15, 16. Para terminar, o Pastor Eliseo Cupertino dirigiu à congregação palavras de encorajamento e despedida.

Podemos dizer que este Congresso constituiu uma bênção para todos quantos nele participaram. Dele saímos com o propósito de testemunhar de uma maneira mais viva e pessoal acerca do poder do Evangelho em nossas vidas e da nossa esperança no breve estabelecimento do Reino de Deus.

E. Ferreira

Acampamento de Desbravadores

Foi no parque de campismo M. V., na Costa de Lavos, que, de 14 a 24 de Agosto de 1977, aconteceu o Acampamento Nacional de Desbravadores.

Durante cerca de dez dias, um grupo de perto de oitenta jovens, dos 12 aos 16 anos de idade, ali esteve em convívio, em trabalho, em distração, em comunhão com Deus.

No entanto estes jovens, preciosos cordeirinhos do rebanho do Mestre, não estiveram sós. Tiveram o amparo espiritual do irmão José Duarte, que dedicou muitas horas ao convívio e exposição de temas de interesse para a juventude, ministrando advertência e amáveis conselhos, baseados em experiências brilhantes da vida dos Apóstolos, nomeadamente S. Paulo, e ainda passando diariamente, com eles, momentos de troca de opiniões, oração e belos e alegres, mas espirituais, cânticos.

As actividades dos Desbravadores foram coordenadas pelo irmão Victor Alves que, com a sua energia e actividade, dirigiu a colaboração de Monitores-Conselheiros, com interessantes ideias e programas de trabalho. Foram eles os alegres e «sempre-prontos»: Dália, Isabel, Guida, Beta, Maria José, Paulo, João Carlos, Emanuel, Calado e José Carlos. De salientar o indispensável e importante trabalho desenvolvido pela Dália, coordenando os

Trabalhos Manuais, e ainda do José Carlos na parte de Desportos que, ajudado pela Maria José, desenvolveu um belo programa de diferentes modalidades.

De todos os trabalhos realizados, queremos salientar a construção de uma torre com troncos serrados, ligados e fixos uns aos outros por amarras de corda, facto que ficou devido principalmente à unidade-patrolha «Matulões», e ao árduo trabalho do irmão Victor Alves que, além disto, também comandou as actividades das Classes Progressivas, realizando provas de Pistas e dirigindo uma equipa formada pela irmã Eunice Alves, o José Esteves, o Carlos Alberto, a Isabel e o Pastor Esteves, que ministraram os conhecimentos teóricos de algumas especialidades como Socorrismo, Natação, Fogueiras e Campismo.

Uma palavra de louvor para a cozinha que, de um modo geral, nos proporcionou uma alimentação de nível superior ao habitual. Um bom trabalho da irmã Ilda, com a ajuda da irmã Mercedes.

A colaboração e companhia do Marinho foi uma presença por todos apreciada e saboreada, especialmente nos momentos de mais calor.

A responsabilidade geral esteve a cargo do Pastor Carlos Esteves que, com a sua amizade e boa disposição,

e ainda com o seu trabalho, nos resolveu o problema da água e nos proporcionou a todos apoio e simpatia.

Tivemos ainda a alegria de ter conosco, nos últimos dias, o Pastor Joaquim Morgado, primeiro responsável da Juventude Adventista Portuguesa.

Ao chegar o fim, todos nos separámos com tristeza, por ter chegado ao termo tão agradável estadia, mas com o desejo firme de nos voltarmos a encontrar no próximo ano, no Acampamento Nacional dos Desbravadores.

És Desbravador? Queres juntar-te a nós na próxima vez? Porque não experimentas?

Que o Senhor te ajude, a ti e a toda a juventude em Portugal!

Emanuel Esteves

Atalaia do Campo e seus Atalaias

«Eis a voz dos teus atalaias!

Eles alçam a voz, juntamente exultam; Porque olho a olho verão, Quando o Senhor voltar a Sião.»

Isaías 52:8

O grupo de Atalaia do Campo teve o grato privilégio de assistir à cerimónia da sua organização em Igreja, dirigida pelo presidente da Associação, pastor Ernesto Ferreira, no dia 29 de Outubro próximo passado.

Após uma breve alusão ao acto, o pastor Ernesto Ferreira fez a chamada dos membros da congregação que quis organizar-se como igreja, chamando para a tribuna os membros com cargos de maior responsabilidade, os quais foram propondo, votando e aceitando os restantes membros, não havendo objecções.

Em seguida, foi lida a lista dos oficiais da igreja para o ano de 1978, sendo a mesma aprovada definitivamente.

A finalizar, o presidente da Associação incitou os membros para que se mantivessem sempre em união fraternal, em amor e em perdão.

Confiamos que o Senhor atente para a luz ainda bruxuleante e única do seu remanescente nestas terras longínquas da Beira Baixa, para que ela em breve possa dar uma luz maior e mais viva, e que outras luzes se desprendam dela, e assim a vinda do Senhor Jesus possa ser abreviada.

Vosso irmão no Mestre

Armando Sousa

O LIVRO QUE TRANSFORMA O CORAÇÃO

Dum Livro em pequenino ouvi falar,
Me fez um não sei quê no coração;
Depois de com fervor o abraçar,
Por África o levei até o Sertão.

Vi fé e amor, corações transformar,
Vi feitiço e até ódio abandonar,
Caridade, esperança e devoção,
Vi o mau já prostrado em oração.

Neste mundo, onde há dor e sofrimento,
O pecador a paz pode encontrar
Se o Livro deste amor for abraçar.

Ó Autor de Livro são sublimado,
Que por Cristo concedeste o perdão,
Transforma Tu meu pobre coração!

António A. Catarino

Março 1977

caixa de perguntas

TRADUÇÃO DE ALMEIDA REVISADA

Porque foi revista e actualizada a tradução da Bíblia, feita por João Ferreira de Almeida?

Responderemos a esta pergunta com o comentário que o Prof. Pedro Apolinário, do Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo, Brasil, faz sobre o assunto no seu trabalho intitulado «História do Texto Bíblico», publicado em Setembro de 1976. Diga-se de passagem que o Prof. Pedro Apolinário é doutorado em Línguas Bíblicas pela Universidade Andrews e exerce elevada responsabilidade na Comissão de Consulta da Sociedade Bíblica do Brasil. Notemos, agora, o que diz ele sobre o tema em questão, a páginas 113 e 114 da referida obra:

«Duas entidades — Comissão Consultiva e Comissão Revisora — foram organizadas entre nós, sob os auspícios das Sociedades Bíblicas Unidas, para se desincumbirem da sagrada responsabilidade de rever a Tradução de Almeida e actualizar a sua linguagem.

«Estas duas comissões, na sua reunião inaugural de 14 de Abril de 1943, sob a presidência do destacado Pastor César Dacorso Filho, trataram das 'Razões por que necessitamos de uma revisão das actuais versões da Bíblia em português'.

«Os brasileiros contaram com o apoio irrestrito e a sábia experiência dos secretários executivos das Sociedades Bíblicas Unidas nesta primeira reunião, mas posteriormente o secretário de tradução da Sociedade Bíblica Americana, Dr. Eugene A. Nida, visitou o Brasil com a finalidade precípua de orientar os trabalhos de tradução e revisão.

«Depois de ponderados e minuciosos estudos das três traduções mais divulgadas no Brasil, ou sejam: Almeida, Figueiredo e a Tradução Brasileira de 1917, a comissão decidiu pela revisão da tradução de Almeida, observando os seguintes tópicos: 1) Fidelidade ao texto original; 2) tradução e não interpretação; 3) clareza, correcção e elegância de linguagem; 4) cunho espiritual da linguagem; e 5) aproveitamento de outras versões e acesso às línguas originais.

«Os membros da Comissão Revisora faziam parte das seguintes igrejas: Baptista, Congregacional, Episcopal, Metodista, Presbiteriana, Presbiteriana Independente, Evangélica e Luterana.

«De acordo com a Sociedade Bíblica do Brasil, o trabalho feito não foi uma nova tradução, mas uma revisão da tradução de João Ferreira de Almeida. Os textos originais foram Nestle, para o Novo Testamento, e Letteris para o Velho Testamento.

«As modificações feitas em Almeida basearam-se, especialmente, nestes aspectos: 1) Infidelidade ao original, ou em desacordo com o melhor texto; 2) palavra ou frase antiquada demais; 3) palavra ou frase que apresentasse alguma impropriedade; 4) construção gramatical inferior.

«Nesta revisão, talvez tenha permanecido, no máximo, 30% da linguagem de Almeida, não sendo de admirar este corte, se levamos em consideração que a linguagem de Almeida, que estava sendo actualizada, tinha quase 200 anos.

«O renomado vernaculista António de Campos Gonçalves, secretário e relator da Comissão, dá-nos a conhecer que a Sociedade Bíblica do Brasil desejou conservar o mais possível a linguagem de Almeida, mas este objectivo era difícil de ser alcançado por ser muito antiga a sua linguagem e por serem diferentes os originais seguidos por Almeida (Textus Receptus) e pela Comissão Revisora (Letteris e Nestle) ...

«O Reverendo António de Campos Gonçalves, na primorosa conferência: Evolução Semântica da Linguagem da Bíblia, pronunciada no Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro, em 8 de Dezembro de 1973, tratou com eficiência da eliminação da cacofonia na Edição Revista e Actualizada no Brasil.

«A título de elucidação, poderíamos mencionar os seguintes cacófatos dos quais a Edição Revista e Actualizada no Brasil foi escoimada: fé de Abraão; homem de pouca fé; alegra-te, tu terra; embora a cidade esteja já dada; e todo o Israel que ali se achou; estas são, estes são, para ti, como mudo, desde então, vinde então; uma mão, como a minha casa; manda-me já.

«Como bem destacou o Dr. Bittencourt, no livro 'O Novo Testamento', págs. 244 e 245:

«'Nenhuma tradução é perfeita, nem quanto ao presente, nem quanto ao futuro. E a última revisão de Almeida não poderia escapar a este destino.

«'A crítica aponta-lhe sérios lapsos de tradução, que seria cansativo enumerar. O presente autor indica uns poucos exemplos que ele mesmo registou na Revista Teológica, publicação do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas, em 1963-64. E, ao comentar o facto sobre o Antigo Testamento com um ilustre professor de línguas da Universidade de São Paulo, disse que os Salmos, especialmente, poderiam ser bem melhorados, quer quanto à tradução propriamente dita, quer quanto à métrica.

«'A própria base grega que serviu à presente revisão pode dar-lhe outro tom quando melhorada, e é o que acontece no momento com a obra que a American Bible Society prepara nos Estados Unidos e que virá a lume dentro em pouco. E há pontos no texto grego onde só um profundo conhecimento de crítica textual daria ao revisor os elementos para uma composição final.

«'Embora a espaços largos no correr do tempo, a semântica de alguns vocábulos varia. Novos vocábulos vão sendo criados e outros abandonados, tornando-se arcaicos. E para que determinada tradução não envelheça, ela deve ser revista, não só quanto à língua, mas quanto à tradução propriamente dita, levando-se em conta as descobertas no campo da crítica textual que sempre trazem novo material para o aperfeiçoamento do texto sagrado nas línguas originais.

«'E esta revisão, tão recente, já pede outros labores que a tornem melhor'. — R. A. B.

Seminário de Collonges

O seminário francês de Collonges abriu com o maior número de matrículas de toda a sua história, um total de mais de 500 alunos internos, desde as crianças da primária até aos seminaristas. Cerca de 50 estudam francês como língua estrangeira e 160, um recorde, estão inscritos nos cursos teológicos.

Seminário de Darmstadt

O seminário de Marienhöhe, em Darmstadt, na Alemanha Ocidental, inaugurou um novo edifício de aulas no primeiro domingo a seguir à abertura do ano escolar. Algumas salas já existentes foram modernizadas, mas o principal trabalho de construção foi um acrescentamento, compreendendo um laboratório e uma sala de conferências para ciências, sala de arte, uma cozinha e sala de conferências para ciências domésticas, e uma eficiente e funcional sala de professores.

Escola Secundária de Marusevec

A escola secundária jugoslava de Marusevec apresentou 105 alunos ao exame do Estado e obteve o excelente resultado de 95 aprovações. Além disso, os três candidatos que se apresentaram ao exame da escola de música de Vazrdin obtiveram a classificação de excelente. Doze alunos foram também preparados para o baptismo. Para o corrente ano escolar, inscreveram-se 206 alunos.

Trimensários a cores para crianças

Desde o primeiro trimestre de 1977, tanto as crianças do rol do berço como as do jardim da infância tem, na América, os seus próprios trimensários da Escola Sabatina totalmente impressos a cores. Essas novas publicações, mais do que simples panfletos encerrando lições centradas em Cristo, contêm artigos que ajudam os professores a implantar nas mentes infantis duradouras impressões da grandeza e do amor de Deus, tornando as lições

reais e compreensíveis na experiência do diário crescimento espiritual dos pequeninos. Jogos bíblicos, em que participam as crianças e os pais, reforçam a história bíblica de maneira a interessar as crianças de hoje, que são atraídas pela televisão.

As lições semanais incluem notas para os pais sobre o desenvolvimento das crianças sugestões sobre a hora do culto familiar, um jogo relacionado com a lição, sugestões para ilustrar a lição em casa, uma ilustração sobre a lição, jogos com os dedos relacionados com o tema da lição, e canções para aprender em casa.

Outros auxiliares complementares, para os pais de crianças do rol do berço e do jardim da infância, incluem versículos para decorar, adaptados a música por Wayne Hooper, fornecidos em caderno ou em cassete, e uma colecção de figuras de feltro para o rol do berço, destinada ao culto familiar, preparada para acompanhar as sugestões dadas no trimensário.

Nova Escola Primária em França

No domingo 18 de Setembro, teve lugar a inauguração de uma nova escola primária em Valence, ao Sul da França. Esta escola começará a funcionar com dois professores e 18 alunos já inscritos.

Congresso Europeu de Juventude

Espera-se que um número de quatro a cinco mil jovens, com idade entre 16 e 30 anos, venham a participar no Congresso Europeu de Juventude que se realizará em Lausana, na Suíça, de 25 a 29 de Julho do próximo ano.

Jovens Evangelistas Voluntários

Onze jovens de Pau, França, dedicaram um ano da sua vida à evangelização prática e irão ajudar três obreiros, os irmãos Graz, Cosendai e Daures, num programa contínuo de divulgação da mensagem dos três anjos naquela região.